

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**LUIZ FILIPE OLIVEIRA DE MACEDO**

**RELAÇÃO ENTRE MORFOLOGIA VERBAL E DISTRIBUIÇÃO DE  
SUJEITOS NULOS E EXPRESSOS EM TEXTOS DISSERTATIVO-  
ARGUMENTATIVOS**

**PORTO ALEGRE**

**2020**

LUIZ FILIPE OLIVEIRA DE MACEDO

**RELAÇÃO ENTRE MORFOLOGIA VERBAL E DISTRIBUIÇÃO DE  
SUJEITOS NULOS E EXPRESSOS EM TEXTOS DISSERTATIVO-  
ARGUMENTATIVOS**

Monografia apresentada ao Instituto de Letras da  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul como  
requisito parcial para a conclusão do curso de  
Licenciatura em Letras.

Prof. Dr. Gabriel de Ávila Othero  
Orientador

PORTO ALEGRE

2020

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer com todo o carinho:

Ao professor Gabriel de Ávila Othero, que me orientou neste trabalho com muita paciência, atenção, gentileza e parceria.

Às professoras Sabrina Abreu e Mônica Ayres, pela leitura atenta e cuidadosa do meu trabalho.

Aos meus professores da graduação em Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pela contribuição no meu crescimento acadêmico e profissional.

Aos professores da escola e do pré-vestibular que me inspiraram a entrar na profissão.

Aos meus colegas de graduação, que com muita parceria tornaram a convivência no campus mais leve.

Aos cursos pré-vestibulares que me acolheram profissionalmente durante toda essa jornada que exigiu conciliação entre trabalho e estudos.

Ao PEAC, que abriu as portas para que eu pudesse viver os prazeres da profissão em uma causa tão nobre e legítima.

Aos alunos das escolas onde tive o prazer de ser estagiário.

Aos alunos dos cursos pré-vestibulares onde pude exercer a profissão com muita parceria, diversão e crescimento.

Aos meus colegas de trabalho, que sempre me incentivaram e me motivaram para que eu conseguisse cumprir minhas jornadas de estudos e de trabalho, especialmente aqueles que embarcaram comigo no sonho do Peso 3.

Aos meus amigos da escola, que sempre estiveram comigo em uma torcida mútua pela felicidade e sucesso uns dos outros.

Aos meus amigos do Rota, grupo de jovens da Igreja do qual orgulhosamente ainda faço parte e que é parte importante da minha formação pessoal.

Aos meus companheiros do futebol amador, que sempre ofereceram momentos de lazer e relaxamento em meio às turbulências cotidianas.

À minha família, em especial aos meus pais, que sempre sonharam com este momento e que me proporcionaram todo o suporte para que eu chegasse até aqui.

À minha namorada, Camila, pela paciência, pelo apoio e por ser minha maior inspiração e meu maior exemplo de dedicação, competência, carinho e amor.

A Deus, por se mostrar presente em todas as minhas decisões mostrando a minha capacidade de concluir esta etapa.

## RESUMO

O presente estudo pretende descrever e analisar as ocorrências de sujeito nulo e expresso em textos dissertativo-argumentativos de estudantes de cursos preparatórios para o vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Partimos do pressuposto de que a posição de sujeito no português brasileiro (PB) vem sendo cada vez mais preenchida, devido à neutralização entre as formas verbais. Investigamos a hipótese de Duarte (1993), que postula que sujeitos nulos serão altamente licenciados quando o verbo possuir informação flexional suficiente para a recuperação do referente. Considerando-se as mudanças ocorridas no quadro pronominal do PB e a redução de opção desinenciais para a forma verbal, analisamos se a possibilidade de apagamento do sujeito nas sentenças está ligada ou não a ocorrências de verbo com morfologia rica, isto é, se o uso do sujeito nulo está relacionado à capacidade do verbo de transmitir informações exclusivas de pessoa, tempo e número. Para testar essa hipótese, elaboramos um corpus composto por 619 verbos retirados de textos dissertativo-argumentativos produzidos por alunos de cursos pré-vestibular do Rio Grande do Sul. Os alunos possuem entre 18 e 25 anos e Ensino Médio em finalização ou recém-completo, e suas produções possuem caráter avaliativo e têm a intenção de atingir os objetivos específicos das provas de redação do ENEM e da UFRGS. Os verbos estão divididos em dois grandes grupos: i) 304 verbos foram retirados de produções específicas para o ENEM; ii) 315 verbos foram retirados de produções específicas para o concurso vestibular da UFRGS. Apesar de ambas as provas possuírem a mesma tipologia textual, cada uma conta com a sua especificidade para a composição do texto. Segundo nossas análises, os textos do modelo UFRGS apresentam um número maior de verbos de morfologia rica, devido ao seu caráter temático mais subjetivo, enquanto os textos do modelo ENEM apresentam um número menor, mas ainda relevante, de ocorrências desse tipo de verbo, devido ao seu caráter temático mais objetivo. Constatamos que quase a totalidade (96,4%) dos verbos analisados de morfologia rica são acompanhados por sujeito nulo, demonstrando uma clara relação entre esses elementos, confirmando, portanto, a hipótese de Duarte (1993). Também foi possível perceber que há um número considerável de verbos de morfologia pobre que também possuem sujeito nulo – situação que se explica pelo apontamento externo ao sujeito, a partir da conexão discursiva ótima, com a manutenção de função sintática e de aspectos verbais, o que assegura a referência correta, evitando, assim, a ambiguidade (OTHERO; AYRES; LAZZARI, 2018). Mesmo assim, nos verbos de morfologia pobre, é perceptível a clara preferência pelo sujeito expresso, justamente demonstrando a dificuldade no apontamento à referência de sujeito sem a marca desinencial bem definida. A partir da análise empreendida, confirmamos a hipótese de Duarte (1993) em textos escritos formais no português brasileiro.

Palavras-chave: sujeito nulo; sujeito expresso; morfologia rica; português brasileiro.

## ABSTRACT

The present study intends to describe and analyze the occurrences of null and overt subject in dissertative-argumentative texts of students of preparatory courses for the entrance exam of the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS) and for the National Exam of Secondary Education (ENEM). We start from the assumption that the subject position has been increasingly filled in Brazilian Portuguese (BP), due to the neutralization among verbal forms. We investigate the hypothesis of Duarte (1993), who postulates that null subjects will be highly licensed when the verb has enough inflectional information to recover the referent. Considering the changes that occurred in the BP pronominal framework and the reduction of the inflectional morphemes for the verbal form, we analyze whether the possibility of deleting the subject is linked or not to occurrences of verb with rich morphology, that is, if the use of the null subject is related to the capacity of the verb to transmit exclusive information of tense, person and number. To test this hypothesis, we created a corpus of 619 verbs taken from dissertative-argumentative texts produced by students from preparatory courses in Rio Grande do Sul. Students are between 18 and 25 years old and have finished or just completed high school and their productions have an evaluative character and are intended to achieve the specific objectives of the ENEM and UFRGS texts. The verbs are divided into two groups: i) 304 verbs were taken from specific productions for ENEM; ii) 315 verbs were taken from specific productions for the UFRGS entrance exam. Despite both exams have the same textual typology, each one has some specificities for the composition of the text. According to our analysis, the UFRGS model texts have a larger number of verbs with rich morphology, due to their more subjective themes, while the texts in the ENEM model have a smaller, but still relevant, number of occurrences of this type of verb, due to its more objective themes. We found that almost all verbs with rich morphology (96,4%) are accompanied by a null subject, demonstrating a clear relation between these elements, thus confirming the hypothesis of Duarte (1993). It was also possible to notice that there is a considerable number of verbs of poor morphology that also have a null subject – a situation that is explained by the external reference to the subject, from the optimal discursive connection, with the maintenance of syntactic function and verbal aspects, which ensures the correct reference, thus avoiding ambiguity (OTHERO; AYRES; LAZZARI, 2018). Even so, in verbs of poor morphology, the clear preference for the overt subject is noticeable, precisely demonstrating the difficulty in indicating to the subject reference without the well-defined inflectional mark. Based on the analysis undertaken, we confirm the hypothesis of Duarte (1993) in formal written texts in Brazilian Portuguese.

Key-words: null subject; overt subject; rich morphology: Brazilian Portuguese.

## LISTA DE ABREVIACOES E SIGLAS

DID	Diálogo informante-documentador
EF	Elocuo formal
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
GT	Gramática Tradicional
N	Nome
NURC	Norma Urbana Culta
PB	Português brasileiro
PE	Português europeu
pro	Pronome
SN	Sintagma nominal
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Ocorrências de sujeito nulo em peças teatrais cariocas	24
Gráfico 2 – Mudanças nas ocorrências de sujeito nulo em três recortes históricos	24
Gráfico 3 – Análise de peças teatrais cariocas, por Duarte (1993) e Othero e Spinelli (2019)	26
Gráfico 4 – Tipo de sujeito x riqueza morfológica (ENEM)	33
Gráfico 5 – Sujeito nulo e pronominal x riqueza morfológica (ENEM)	34
Gráfico 6 – Sujeito nulo x lexema (ENEM)	35
Gráfico 7 – Tipo de sujeito x pessoa e número (ENEM)	36
Gráfico 8 – Tipo de sujeito x pessoa (ENEM)	38
Gráfico 9 – Análise por redação (ENEM)	39
Gráfico 10 – Tipo de sujeito x riqueza morfológica (UFRGS)	40
Gráfico 11 – Sujeito nulo x riqueza morfológica (UFRGS)	41
Gráfico 12 – Sujeito nulo x lexema (UFRGS)	41
Gráfico 13 – Tipo de sujeito x pessoa e número (UFRGS)	43
Gráfico 14 – Tipo de sujeito x pessoa (UFRGS)	44
Gráfico 15 – Análise por redação (UFRGS)	45
Gráfico 16 – Distribuição geral por riqueza morfológica	46
Gráfico 17 – Tipo de sujeito por riqueza morfológica (ENEM)	61
Gráfico 18 – Tipo de sujeito por desinência número-pessoal (ENEM)	61
Gráfico 19 – Tipo de sujeito por riqueza morfológica (UFRGS)	62
Gráfico 20 – Tipo de sujeito por riqueza morfológica e modelo textual	62
Gráfico 21 – Distribuição geral por riqueza morfológica (números brutos)	63

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Formas verbais do verbo <i>cantar</i> no presente em latim e português	17
Quadro 2 – Formas verbais do verbo <i>cantar</i> no pretérito perfeito em latim e português	17
Quadro 3 – Paradigma do verbo <i>cantar</i> em português	18
Quadro 4 – Possibilidades de paradigmas verbais em português brasileiro	19
Quadro 5 – Características de línguas de sujeito nulo parcial, segundo Roberts (2016)	22

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	10
<b>2. MUDANÇAS NO QUADRO PRONOMINAL E NA MORFOLOGIA FLEXIONAL DO PB</b>	13
2.1 Mudanças no quadro pronominal do PB	13
2.2 Mudanças na expressão da concordância verbal do PB	16
<b>3. RELAÇÃO ENTRE MORFOLOGIA E SUJEITO NULO</b>	21
3.1 O parâmetro do sujeito nulo	21
3.2 Influência da informação flexional na expressão do sujeito	23
<b>4. ANÁLISE DE TEXTOS DISSERTATIVO-ARGUMENTATIVOS</b>	28
4.1 Formação do corpus	28
4.2 Variáveis a serem analisadas	30
4.3 Análise dos dados	32
4.3.1 Análise dos resultados nas redações preparatórias para o ENEM	32
4.3.2 Análise dos resultados nas redações preparatórias para o vestibular UFRGS	40
4.3.3 Distribuição geral dos dados	46
<b>5. CONCLUSÃO</b>	48
<b>6. REFERÊNCIAS</b>	50
<b>7. ANEXOS</b>	53
7.1 Proposta temática da redação ENEM 2019	53
7.2 Proposta temática da redação UFRGS 2020 (aplicada no ano de 2019)	54
7.3 Propostas temáticas avaliativas semanais – Modelo ENEM	57
7.4 Proposta temática avaliativa semanal – Modelo UFRGS	59
7.5 Gráficos ENEM e UFRGS em números brutos	61

## 1. INTRODUÇÃO

A língua portuguesa permite a omissão do sujeito devido à capacidade morfológica e oracional de apontar para as referências devidas no contexto. Entretanto, estudos sobre o tema sugerem que há uma alteração progressiva no padrão de preenchimento do sujeito em PB desde o século XIX (DUARTE, 1993).

Existem algumas hipóteses que buscam explicar esse fenômeno: a proposta sugerida por Duarte (1993, 1995) é a de que as ocorrências de sujeito nulo e expreso são diretamente ligadas à informação flexional dos verbos. Assim, sujeitos nulos são utilizados em contextos em que a informação morfológica é suficiente para a comunicação. Também, Cyrino, Kato e Duarte (2000) apontam que um fator relevante para a seleção de variantes nulas ou não-nulas é o estatuto referencial do referente. Outra hipótese desenvolvida é a de que a prosódia, por meio de questões relacionadas ao ritmo da periferia esquerda da sentença, interfere na utilização de sujeito nulo em PB (KATO; 2002, KATO; DUARTE, 2014, KATO; DUARTE, 2018).

Nesse trabalho, investigamos a hipótese elaborada por Duarte (1993, 1995), relacionando a possibilidade de omissão do sujeito com a quantidade de informação flexional exclusiva de cada uma das formas do paradigma verbal, a qual chamaremos *riqueza morfológica*.

- (1)<sup>1</sup>
- a. Fizemos as tarefas juntos
  - b. Comprei os materiais
  - c. Jogava futebol todos os dias

Nos exemplos em (1a) e (1b), os verbos *fizemos* e *comprei* apresentam desinências temporais e número-pessoais exclusivas. Isso significa dizer que apenas uma possibilidade de sujeito pronominal existe para cada um dos exemplos – eles representam o que chamaremos de verbos de *morfologia rica*. Em (1a), o verbo referencia um sujeito de primeira pessoa do plural, enquanto em (1b) o verbo apresenta um sujeito de primeira pessoa do singular.

Já em (1c), podemos perceber que há mais possibilidades de preenchimento de sujeito para essa terminação verbal; dessa forma, temos uma ocorrência de verbo de *morfologia pobre*. Considerando apenas a norma culta, surgem como opções de preenchimento do sujeito os pronomes de primeira e de terceira pessoas do singular (ex. *eu / ele / ela / você / a gente jogava*).

---

<sup>1</sup> Exemplo do autor.

Se considerarmos ainda algumas situações escritas sem a exigência de formalidade ou se considerarmos construções de fala coloquial, teremos ainda mais opções, com o acréscimo dos pronomes *tu* e os plurais *vocês, eles e elas* (ex. *tu / vocês / eles / elas jogava*). Dessa forma, explica-se pela morfologia uma preferência do uso de sujeito marcado para que se esclareça a referência para o interlocutor. Verbos com a morfologia rica licenciam o sujeito nulo e verbos de morfologia pobre evidenciam o sujeito de maneira expressa.

O objetivo da presente monografia é analisar as distribuições de ocorrência de sujeito nulo e expresso e sua relação com o paradigma verbal em textos de estudantes de cursos preparatórios para o exame vestibular. Apesar de existirem inúmeros trabalhos sobre o tema, tal análise é justificada pela caracterização dos aspectos estruturais (ex. desinência verbal) e discursivos (ex. proposta temática) que podem ser determinantes para a escolha da realização ou do apagamento do sujeito em um corpus escrito inédito.

As questões norteadoras que guiam a análise são as seguintes.

- i) Como se dá a relação entre a marcação do sujeito e a morfologia verbal?
- ii) Quais são os contextos de ocorrência de sujeito nulo em redações de vestibular dos modelos ENEM e UFRGS?

Para as duas questões, temos as seguintes hipóteses.

- i) Com base na hipótese de Duarte (1993), casos de sujeito nulo serão mais frequentes com verbos de morfologia rica. Dessa maneira, esperamos encontrar uma incidência de verbos com sujeito nulo equivalente à incidência de verbos de morfologia rica. Da mesma forma, esperamos encontrar uma incidência de marcações de sujeito expresso equivalente à incidência de verbos de morfologia pobre, evidenciando que a riqueza morfológica influencia diretamente no apagamento ou na realização do sujeito.
- ii) A condução da proposta temática influencia diretamente na maneira como o aluno irá se posicionar. Propostas textuais mais subjetivas, característica mais presente em provas do vestibular da UFRGS, oportunizarão mais utilizações de verbos de morfologia rica – e, por consequência, sujeitos nulos –, enquanto propostas mais objetivas e amplas, característica da prova do ENEM, pelo distanciamento de análise, oportunizarão menos ocorrências de verbos de morfologia rica.

A presente monografia está organizada em cinco capítulos. Na introdução, apresentamos o tema de estudo, bem como objetivo, justificativa, questões norteadoras e hipóteses. No capítulo 2, traçamos um panorama histórico das mudanças ocorridas no sistema pronominal e no paradigma verbal em português brasileiro. No capítulo 3, abordamos a correlação entre a flexão morfológica verbal e as possibilidades de ocorrência ou omissão do

sujeito. O quarto capítulo apresenta a formação de um corpus com redações de cursos preparatórios para vestibulares e a análise descritiva empreendida, a qual leva em conta, principalmente, fatores morfossintáticos, como a riqueza flexional. Por fim, apresentamos as conclusões, referências e anexos.

## 2. MUDANÇAS NO QUADRO PRONOMINAL E NA MORFOLOGIA FLEXIONAL DO PB

Neste capítulo, descreveremos algumas das principais mudanças no quadro pronominal do PB devido à inserção de novos pronomes e a consequente neutralização de formas verbais, resultando em um processo de redução de paradigma flexional verbal.

### 2.1 Mudanças no quadro pronominal do PB

O português brasileiro foi marcado por grandes mudanças em seu sistema pronominal durante seu período formativo. Segundo Monteiro (1994, p. 152), “todas as mudanças que ocorrem no sistema dos pronomes pessoais em última instância são acomodações que procuram eliminar os vestígios de casos, de acordo com a configuração que determinou a origem e evolução da língua portuguesa”.

Monteiro (1994)<sup>2</sup> analisou 60 (sessenta) entrevistas do projeto Norma Urbana Culta (NURC) representativas de 5 capitais brasileiras: Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP), Porto Alegre (RS), Salvador (BA) e Recife (PE). Na sua amostra, Monteiro apresenta um quadro pronominal distinto dos encontrados em gramáticas normativas, que consideravam então (e ainda consideram, cf. BECHARA, 2009, p. 164) a existência apenas de *eu*, *tu*, *ele*, *nós*, *vós*, *eles*. O autor menciona cinco características divergentes em relação aos pronomes apresentados por gramáticas tradicionais e os pronomes em uso presentes nas cinco capitais analisadas:

- i) a predominância de *você* em relação a *tu*;
- ii) a extinção do pronome *vós*;
- iii) o acréscimo da expressão *a gente*;
- iv) o alto uso do pronome *se*;
- v) a baixa frequência dos pronomes de tratamento.

O autor cita que a reestruturação do quadro pronominal está correlacionada com a perda de marcas morfológicas. “Se tudo for causa ou efeito da neutralização que se opera nas flexões verbais, explicam-se de um só golpe pelo menos três ajustes no sistema pronominal: a) a introdução de *você* e consequente retração de uso do pronome *tu*; b) a extinção de *vós*; c) a

---

<sup>2</sup> Para um panorama geral da obra de Monteiro (1994), sugerimos a leitura de Ulrich e Ayres (2018).

substituição de *nós* por *a gente*” (MONTEIRO, 1994, p. 147, grifo nosso). Abaixo, focaremos nestas três mudanças pronominais, as quais consideramos cruciais para a discussão que virá a se desenvolver nas próximas seções.

### **i) alternância entre *tu* e *você***

Baseada nas ideias de Cintra (1972), Peres (2007) menciona que o pronome *você* entra no sistema pronominal do português durante o século XX, competindo com o pronome *tu* – apesar de serem encontrados usos ainda no século XIX, mas de maneira muito rara. O surgimento de *você* no sistema português é resultante de um processo de gramaticalização da forma *Vossa Mercê*.

A fórmula *Vossa Mercê*, inicialmente aplicada ao rei e à rainha, foi posteriormente destronada desse cargo – no qual foi substituída por, sucessivamente, *Vossa Alteza* e *Vossa Majestade*. O honorífico decadente passou a ser aplicado à nobreza, depois à burguesia, e continuou a descer na escala social, circulando em variantes morfofonológicas tais como *vossancê* e *você*, a última emergindo no século XVII, e chegou, principalmente em Portugal, ao extremo de ser percebido como ofensivo em certas camadas da população (CINTRA, 1972, p. 25 *apud* PERES, 2007, p. 159, grifo nosso).

Nos dados de fala das regiões urbanas analisadas por Monteiro (1994), há predominância de *você* em relação a *tu*. As ocorrências de *tu* foram tão esparsas que foram desconsideradas da análise geral empreendida pelo autor.

### **ii) extinção de *vós***

Peres (2007) aponta que “no latim, para as formas de tratamento, havia os pronomes *tu* – para um tratamento informal a um único interlocutor – e o *uos* (*vós*), usado em dois casos: (i) para a referência direta a mais de um interlocutor e (ii) para o tratamento respeitoso a um único interlocutor” (PERES, 2007, p. 157).

No português falado no século XIII, além da forma *vós*, surgiram outras formas de tratamento e, assim, o pronome *vós* coexistiu e perdeu forças em relação ao uso da estrutura *Vossa + Nome*, que, como vimos acima, resultou no pronome *você* – hoje utilizado no lugar de *vós* para se referir à segunda pessoa do discurso.

### **iii) alternância entre *nós* e *a gente***

Lopes (2003) aponta que a estrutura *a gente* começa sua competição com o pronome *nós* ainda no final do século XIX. Isso evidencia, segundo Duarte (2019), que a

gramaticalização desses pronomes é anterior à redução do paradigma flexional, demonstrando influência direta no processo.

Monteiro (1994) mostra grande concorrência entre as formas *nós* e *a gente*, com predomínio do uso do pronome *nós*, cujos índices de frequência se situam entre 54% e 66% em todas as capitais analisadas. O autor ressalta que esses índices – superiores a outras análises da mesma década – se devem ao perfil do corpus. O próprio autor decide analisar, então, dentro do próprio corpus, a variação nos diferentes tipos de registro<sup>3</sup> e encontra que, nas elocuições formais, há 82% de uso de *nós* e apenas 18% de uso de *a gente*, enquanto nos diálogos entre informante e documentador, os índices são muito mais próximos: 54% de uso de *nós* e 46% de uso de *a gente*.

Em contrapartida, Zilles, Maya e Silva (2000) já afirmam que, em uma análise parcial de dados de fala de entrevistas sociolinguísticas de Porto Alegre, a predominância da forma *a gente* chega a quase 80% das ocorrências. Esses dados sugerem que, de fato, há uma redução de uso da forma *nós* em contextos informais.

A fim de ilustrar como essas inserções pronominais são vistas em gramáticas do PB, Wink, Finkenauer e Othero (2012) apresentam uma comparação entre cinco gramáticas distintas publicadas entre os anos de 2000 e 2010. Das cinco análises, duas gramáticas apresentam um quadro fiel à realidade encontrada nos dados de uso.

A gramática de Castilho (2010) apresenta e analisa de maneira interessante a reorganização do quadro de pronomes em PB. Para o autor, *tu*, *você*, *o senhor*, *a senhora* entram como formas cultas de segunda pessoa igualmente usuais (apesar de as últimas duas serem tratadas como mais “cerimoniosas”), além de fazer menção à forma *ocê*, apontada como marca de segunda pessoa informal. Outra gramática que apresenta os dados relativos à mudança no sistema pronominal é Perini (2010), pelo fato de o autor buscar a descrição da língua falada no país. Para Perini, o quadro dos pronomes na forma reta é constituído por *eu*, *você (tu)*, *ele*, *ela*, *nós*, *vocês*, *eles*, *elas* e a forma reflexiva.

---

<sup>3</sup> O corpus do projeto NURC é composto por elocuições formais (EF), em menor número, e por diálogos entre informante e entrevistador (DID), que compõem a maior parte do corpus.

## 2.2 Mudanças na expressão da concordância verbal do PB

O paradigma verbal vem, com o passar dos anos, sofrendo simplificações no seu sistema. Essas simplificações resultam em formas neutralizadas, com mesma expressão fônica para diferentes usos pronominais.

Segundo Vasconcellos (2003), uma causa importante para o enfraquecimento da morfologia verbal foi a perda do /d/ intervocálico em morfemas de segunda pessoa, ainda no português medieval. Assim, tem-se, por exemplo, a seguinte evolução, exemplificada pelo autor com o verbo *poder*: *podetis* > *podedes* > *podees* > *podes*.

Associado a esse fato, por meio da reorganização dos pronomes em PB e da tendência ao menor esforço, houve uma redução dos traços distintivos dos fonemas de flexão verbal. Isso é ilustrado pelo apagamento de /s/ na fala de sujeitos de localidades onde ainda se usa o *tu*, como em *tu pode*, em vez de *tu podes*, podendo ser ocasionado pela tendência ao menor esforço.

É sabido que a evolução da língua acontece pela sua transmissão de geração. A geração é “parte do estilo articulatorio omissivo e frouxo da linguagem”. A tendência ao menor esforço (economia de articulação) reduz a nitidez dos traços distintivos dos fonemas (VASCONCELLOS, 2003, p. 110).

Vasconcellos (2003) mostra que, no português do século XV, observa-se uma alternância entre usos da segunda pessoa do singular (*tu*) e segunda pessoa do plural (*vós*). O autor explica que isso pode ter causas estilísticas a partir da capacidade de expressar se o interlocutor faz parte da nobreza ou não. Contudo, algumas das ocorrências entre as formas de segunda pessoa do singular e do plural podem ter sido fruto de confusão apenas, já que apareceram dentro de um mesmo enunciado.

Cabe destacar que, para o autor, esse fato contribuiu, por exemplo, para a mudança do quadro pronominal a partir do apagamento de *vós* em detrimento de outras formas para se dirigir a interlocutores, como vimos na seção anterior. Com tudo isso, a partir da compreensão de que há uma influência fonética para a simplificação, Vasconcellos defende que há uma diminuição do sistema flexional de seis formas para quatro e, posteriormente, para três. Para explicitar isso, o autor apresenta algumas transformações fonéticas dos verbos do latim para o português com os tempos presente e pretérito.

Quadro 1 – Formas verbais do verbo *cantar* no presente em latim e português

<b>Latim</b>	<b>Português</b>
canto	canto
cantas	cantas
cantat	canta
cantamus	cantamos
cantatis > cantadis	cantais
cantant	cantam

Fonte: adaptado de Vasconcellos (2003, p. 110)

Na forma verbal de terceira pessoa, houve um apagamento do /t/ final; na segunda pessoa do plural, houve um vozeamento inicial da oclusiva /t/ entre vogais para, na sequência ocorrer um apagamento do /d/ intervocálico; na terceira pessoa do plural, houve também a queda do /t/ final e a nasalização do /ã/ final.

Vasconcellos também mostra as transformações nas desinências do verbo no tempo pretérito perfeito, em que há quedas do fonema /v/. Essas quedas se justificam pela pronúncia clássica dessa consoante labiodental como /u/, seguindo a tendência do menor esforço como boa explicação para isso.

Quadro 2 – Formas verbais do verbo *cantar* no pretérito perfeito em latim e português

<b>Latim</b>	<b>Português</b>
cantavi > cantai	cantei
cantavisti	cantaste
cantavit	cantou
cantavimus	cantamos
cantavistis	cantastes
cantaverunt	cantaram

Fonte: adaptado de Vasconcellos (2003, p. 110)

Assim, se antes tínhamos seis formas distintivas para as desinências verbais, agora temos um sistema de apenas quatro terminações distintas.

Quadro 3 – Paradigma do verbo *cantar* em português

Pessoa-Número	Forma verbal
1ª pessoa singular	canto/cantei (eu)
2ª pessoa singular	canta/cantou (você)
3ª pessoa singular	canta/cantou (ele/ela)
1ª pessoa plural	cantamos/cantamos (nós)
2ª pessoa plural	cantam/cantaram (vocês)
3ª pessoa plural	cantam/cantaram (eles/elas)

Fonte: adaptado de Vasconcellos (2003, p. 110)

Nesse quadro, é possível ver quatro desinências, pois existem falantes que utilizam o pronome *nós* para marcação de primeira pessoa do plural, o qual apresenta uma desinência marcada (-mos). Entretanto, é possível perceber pela fala de grupos mais jovens que, na competição entre *nós* e *a gente* mencionada anteriormente, há preferência pelo uso de *a gente*.

A escolha do uso de *a gente* simplifica ainda mais o quadro flexional, reduzindo-o a três formas, justamente tendo a flexão idêntica às formas de segunda e terceira do singular. Zilles (2007) aponta que “o encaixamento linguístico de *a gente*, a exemplo do que ocorreu com a introdução de *você/vocês*, também está, indiretamente, acarretando mudança no paradigma da concordância verbal, apontando para sua redução” (ZILLES, 2007, p. 30). Da mesma forma, o quadro já apresenta o resultado da competição entre o *você* e o *tu*, estabelecendo que *você* é o padrão em PB, sendo o *tu* destinado à fala de comunidades de regiões específicas, como o sul do Brasil, em especial o Rio Grande do Sul, e como algumas regiões do nordeste.

Segundo Duarte (1996; 2000) e Simões (2006), entre outros, o PB estaria se encaminhando para o progressivo preenchimento do sujeito. É notável, neste processo, a contribuição dos novos pronomes da língua, que, por derivarem de sintagmas nominais, estabelecem concordância ou com a terceira pessoa do singular (*você, a gente*), ou com a terceira pessoa do plural (*vocês*) e são altamente preenchidos, mesmo nos contextos de nulo no Português Europeu (PE), como é o caso das orações subordinadas: *naquele tempo você/a gente só podia sair quando você/a gente terminava o trabalho* (note-se que, sem o pronome na subordinada, haveria ambiguidade, pois também seria possível interpretar como *naquele tempo você só podia sair quando o trabalho terminava*). (ZILLES, 2007, p. 31)

Duarte (1995) defende a diminuição do paradigma pronominal a partir da perda da segunda pessoa direta (*tu* e *vós*), ocasionada pela concorrência com as formas indiretas (*você* e *vocês*) que utilizam a forma verbal de terceira pessoa. Ainda, essa mudança foi acelerada pelo

gradual desaparecimento de *nós*, sendo substituído pela forma *a gente*, que também utiliza a forma verbal de terceira pessoa para as concordâncias.

Quadro 4 – Possibilidades de paradigmas verbais em português brasileiro

<b>Pessoa-Número</b>	<b>Pronome</b>	<b>Paradigma 1</b>	<b>Paradigma 2</b>	<b>Paradigma 3</b>
1ª pessoa singular	eu	amo	amo	amo
2ª pessoa singular	tu	amas	-	-
	você	ama	ama	ama
3ª pessoa singular	ele/ela	ama	ama	ama
1ª pessoa plural	nós	amamos	amamos	-
	a gente	-	ama	ama
2ª pessoa plural	vós	amais	-	-
	vocês	amam	amam	amam
3ª pessoa plural	eles/elas	amam	amam	amam

Fonte: adaptado de Duarte (1995, p. 32)

A partir do quadro acima, Duarte (1995) demonstra também que o PB mudou de um sistema com seis desinências (como acontece no português europeu), para um paradigma com quatro desinências (este mais comumente utilizado por pessoas de faixa etária mais elevada), enquanto pessoas mais jovens mostram ter preferência pelo paradigma com três flexões distintas. Nesse sentido, nosso quadro flexional foi de uma versão mais “rica” a uma versão mais “pobre”, dificultando, dessa forma, a identificação de um sujeito nulo que deveria ser reconhecido apenas pela flexão verbal.

O paradigma flexional verbal do PB sofreu significativa redução em consequência da apócope de <-s> na 2ª pessoa do singular e da monotongação de [ãw] na 2ª e 3ª pessoas do plural. Mas é inegável que a plena pronominalização de *você* e *a gente*, combinados com a forma verbal na 3ª pessoa do singular, constitui o mais significativo desencadeador da redução do paradigma flexional. (DUARTE, 2019, p. 96)

Dessa forma, fica evidente que a inserção de novos pronomes ao nosso quadro pronominal influenciou diretamente para que houvesse uma redução do paradigma flexional do PB. Por consequência, as formas verbais com morfologia rica passaram a ser mais escassas, dando lugar a formas verbais de morfologia pobre. Assim, é dificultada a identificação das referências de sujeito considerando apenas a desinência verbal.

---

Nesse capítulo, vimos que houve mudanças significativas no quadro pronominal do PB graças ao acréscimo de novos pronomes. Esse processo resultou na competição, por exemplo, entre *tu* e *você* e entre *a gente* e *nós*, e na conseqüente diminuição do paradigma flexional verbal. No próximo capítulo, descreveremos a relação existente entre a informação flexional do verbo e o apagamento da posição de sujeito nas sentenças.

### 3. RELAÇÃO ENTRE MORFOLOGIA E SUJEITO NULO

#### 3.1 O parâmetro do sujeito nulo

Gramáticos do início do século passado julgavam como incorreto o uso de pronomes sujeitos quando as marcas do verbo ou o contexto oracional eram suficientes para a referência. Cunha e Cintra (1985 *apud* Monteiro, 1994) mencionam que um dos usos obrigatórios da expressão do pronome sujeito é para “evitar ambiguidade entre a primeira e a terceira pessoa do singular”.

Esses julgamentos se devem ao fato de o português ser considerado uma língua que permite a omissão do sujeito, ao contrário de línguas como o inglês, por exemplo, que não permitem sujeito sem manifestação fonética.

- (2) a<sup>4</sup>. Ele<sub>i</sub> me contou que ele<sub>i</sub> foi ao shopping ontem  
 a'. Ele<sub>i</sub> me contou que Ø<sub>i</sub> foi ao shopping ontem
- b. He<sub>i</sub> told me he<sub>i</sub> went to the mall yesterday  
 b'. \*He told me Ø<sub>i</sub> went to the mall yesterday

Na literatura em sintaxe, o parâmetro *pro-drop* (CHOMSKY, 1981) diz respeito à possibilidade de omissão do conteúdo fonético da posição/função de sujeito. Línguas que proíbem o apagamento, como em (2b'), são classificadas como -pro-drop, enquanto línguas que permitem a omissão do sujeito, como em (2a'), são classificadas como +pro-drop. Essa possibilidade de apagamento supostamente se viabiliza pela riqueza do sistema morfofonológico do português por meio de suas marcações de pessoa e de número.

Entretanto, o português europeu (PE) e o português brasileiro (PB) parecem estar, aos poucos, se distanciando em relação a esse parâmetro, visto que o PE se caracteriza como uma língua +pro-drop, e o PB, talvez por estar sofrendo uma redução nas marcas do paradigma flexional – como argumentaremos aqui e como vimos no capítulo anterior –, está se tornando uma língua de sujeito nulo parcial, não tendo as mesmas propriedades que uma língua +pro-drop, tal qual o PE (DUARTE; 1993, KATO; DUARTE, 2014, 2018). Essa diminuição do

---

<sup>4</sup> Em (2a), o pronome *ele* da oração subordinada pode ser tanto o sujeito, quanto um exofórico, ou seja, uma outra pessoa. Ex.: *O João me contou que ele foi ao shopping* (ele = o Pedro ou o João). Já em (2a'), o sujeito nulo só pode ser o sujeito da principal. Ex.: *?O João me contou que foi ao shopping* (ele = o Pedro).

paradigma das flexões verbais faz o PB apresentar cada vez mais marcações explícitas de sujeito, a fim de garantir a referenciação correta.

Roberts (2016) aponta um conjunto de propriedades associadas às línguas de sujeito nulo parcial (parcialmente *pro-drop*), as quais estão exemplificadas no quadro abaixo.

Quadro 5 – Características de línguas de sujeito nulo parcial, segundo Roberts (2016)	
i. Morfologia verbal com alguns sincretismos entre as formas verbais	<i>como, come, comemos, comem</i>
ii. Sujeitos nulos na terceira pessoa podem ser ambíguos	<i>Comeu mais do que deveria</i>
iii. Restrições à inversão da ordem SV	<i>?Comeu a maçã a Camila</i>
iv. Sujeitos pronominais podem ter leitura neutra	<i>Você come o que você sente vontade</i>
Fonte: adaptado de Veríssimo (2017, p. 86)	

O quadro pronominal do português parece atender a todas as classificações de Roberts (2016). Se recorrermos a dados de fala do português, vemos que, de fato, a omissão não tem mais o mesmo estatuto de décadas atrás. De acordo com Monteiro (1994), “a tendência que se manifesta [nos dados do português oral culto do Brasil] elimina o caráter da regularidade da omissão<sup>5</sup>” (p. 133). Em seus dados, o autor encontra 60% de preenchimento da posição de sujeito e 40% de omissão.

Após apresentar propostas de análise para o português e outras línguas, as quais elencam inúmeras possibilidades influenciadoras do preenchimento/apagamento do sujeito, Monteiro (1994) afirma que “a riqueza do sistema flexional não é condição necessária ou única para a manutenção da característica *pro-drop*” (MONTEIRO, 1994, p. 139). Para ele, o registro, se escrito ou falado, também influencia diretamente na variação.

<sup>5</sup> Segundo Monteiro (1994), o índice de preenchimento e apagamento da posição de sujeito é variável de acordo com cada pessoa do discurso.

### 3.2 Influência da informação flexional na expressão do sujeito

Apesar de outros fatores poderem estar em jogo na reestruturação do sistema, como a mudança da referenciação, a ênfase, o traço semântico do referente, a distância do referente – entre outros –, o papel da morfologia é, sem dúvida, crucial. A respeito da relação entre o papel da morfologia flexional e a possibilidade de ocorrência de sujeito nulo, destaca-se o trabalho de Duarte (1993), que examinou o fenômeno em peças teatrais populares do Rio de Janeiro no período entre 1845 e 1992. Por abarcar um período longo para análise, a autora conseguiu perceber o crescimento da preferência pela marcação de sujeito expresso ao longo do tempo.

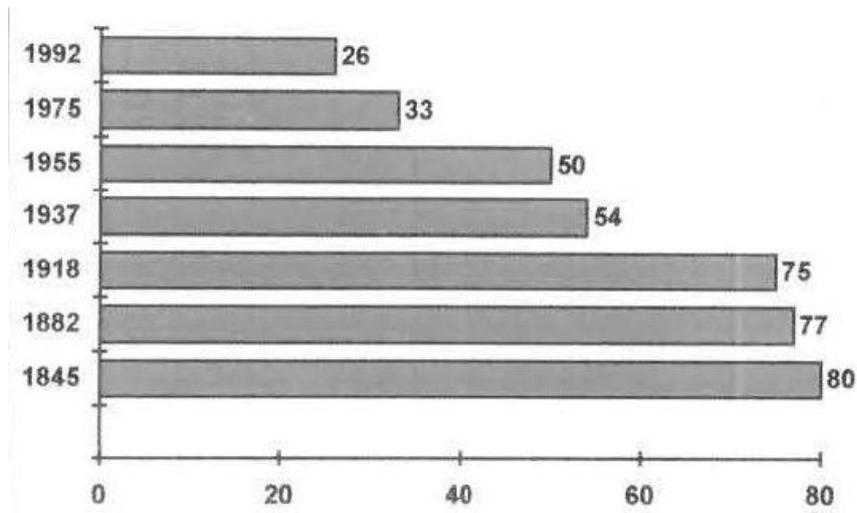
Duarte (1993), na intenção de entender os efeitos da mudança do paradigma flexional do PB, observou a utilização das formas de terceira pessoa do singular e do plural como possibilidades de referência à segunda pessoa (ex. *come / comeu*). A autora percebeu a diminuição do sistema flexional a um paradigma com três formas distintivas apenas, em que a forma *a gente* coexiste com o pronome *nós*, ao passo que *tu* e *vós* são substituídos por *você* e *vocês*. Os textos dos primeiros três períodos analisados (1845, 1882 e 1918) apresentavam um sistema com seis formas distintivas; os dois períodos seguintes apresentavam o pronome *você* já naturalizado começando a sua competição com o *tu* e, também, apresentavam o *vós* completamente desaparecido; e os dois últimos períodos estudados revelam a implementação do *a gente* já sendo preferido em relação ao *nós*.

Foram três os resultados obtidos com essa análise:

- i. a perda gradual da opção pelo sujeito nulo no PB pode ser atribuída à redução dos paradigmas flexionais;
- ii. a mudança não atua uniformemente em todas as pessoas gramaticais;
- iii. o tipo de texto escrito nas peças de teatro, embora não a reproduza fielmente, aproxima-se bastante da fala.

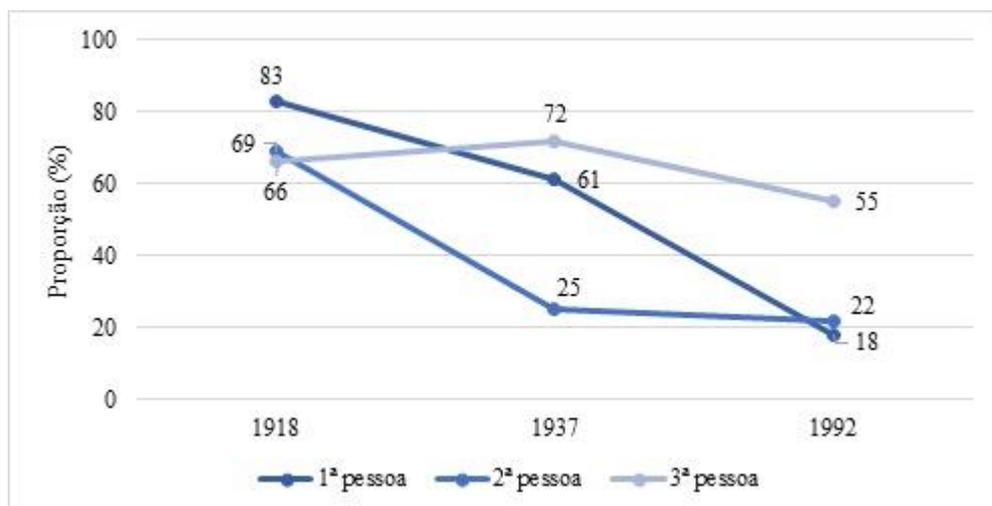
A autora explica que, nos três primeiros períodos analisados, os índices de ocorrência de sujeito nulo permanecem entre 75% e 80%, já que o paradigma pronominal das três épocas é semelhante ao que ainda acontece no português europeu.

Gráfico 1 – Ocorrências de sujeito nulo em peças teatrais cariocas



Fonte: Duarte (1995, p. 19)

A autora afirma que é necessário analisar os índices de sujeito nulo para cada pessoa do discurso. Em 1918, o índice marcava 69% de sujeito nulo para as formas de segunda pessoa, mas esse número cai consideravelmente para 25% em 1937, e esses dados coincidem com a perda da segunda pessoa direta. Esse número se mantém baixo, atingindo 22%, até o fim dos períodos analisados em 1992. Da mesma forma, houve uma mudança significativa também na primeira pessoa, que atingia 83% de casos de sujeito nulo no início dos períodos analisados e diminuiu para 18% ao final.

Gráfico 2 – Mudanças nas ocorrências de sujeito nulo em três recortes históricos<sup>6</sup>

Fonte: adaptado de Duarte (1995, p. 20)

<sup>6</sup> Os recortes foram selecionados de acordo com mudanças mais abruptas no século XX e o acréscimo do ano mais atual do estudo.

Entretanto, a terceira pessoa não demonstra ser tão afetada quanto as outras pessoas, mantendo uma média de mais de 50% de casos de sujeito nulo do início ao final do estudo (apesar de também apresentar uma queda, mas bem menos significativa). Assim, é revelada uma assimetria. A opção pelo sujeito nulo claramente teve uma redução na primeira e na segunda pessoa, mas seguiu sendo utilizada sem grandes mudanças para as formas de terceira pessoa. Mesmo assim, a hipótese que envolve a riqueza flexional para a mudança de opcionalidade do sujeito nulo pelo sujeito expresso se mantém válida, já que, na terceira pessoa, teoriza-se que a queda se dá de maneira mais lenta porque a recuperação da informação do sujeito nulo conta com a ajuda de referências externas. Existe uma continuidade tópica que licencia o sujeito nulo.

Othero, Ayres e Lazzari (2018) apontam que há configurações discursivas que favorecem a retomada por sujeito nulo. Isso envolve fatores como a manutenção da função sintática do referente anterior e a manutenção do referente no mesmo plano discursivo, mantendo os sistemas de tempo, aspecto e modo verbal. A partir dessas manutenções, compreende-se a falta de necessidade da repetição de termos, devido à conexão discursiva ótima. Ou seja, a partir do momento em que o sujeito foi esclarecido em oração anterior e ele será reutilizado em oração posterior mantendo aspectos verbais e mantendo função sintática, torna-se desnecessário fazer menção a ele de maneira marcada com o sujeito expresso, como vemos em (3).

(3)<sup>7</sup> A: O que é que [o nosso anjo]<sub>i</sub> tem hoje?

B: Ø<sub>i</sub> Tá com essa cara desde que Ø<sub>i</sub> chegou do ginásio. Ø<sub>i</sub> nem foi em casa almoçar.

A: Com certeza Ø<sub>i</sub> vai ficar novamente em segunda época.

(*No coração do Brasil*, 1992)

Duarte (2019) se propõe a refinar suas análises, demonstrando que os dados dos três primeiros períodos revelam um comportamento de um sistema de sujeitos nulos consistente, e a mudança de padrão começa a ficar evidente a partir do quarto período (1937), com a entrada da utilização do pronome *você* em referência de segunda pessoa, o que se mantém até o último período estudado. Ao analisar a primeira pessoa, percebe-se uma alteração um pouco mais lenta (comparando-a com a segunda pessoa), mas ainda significativa, revelando um estágio

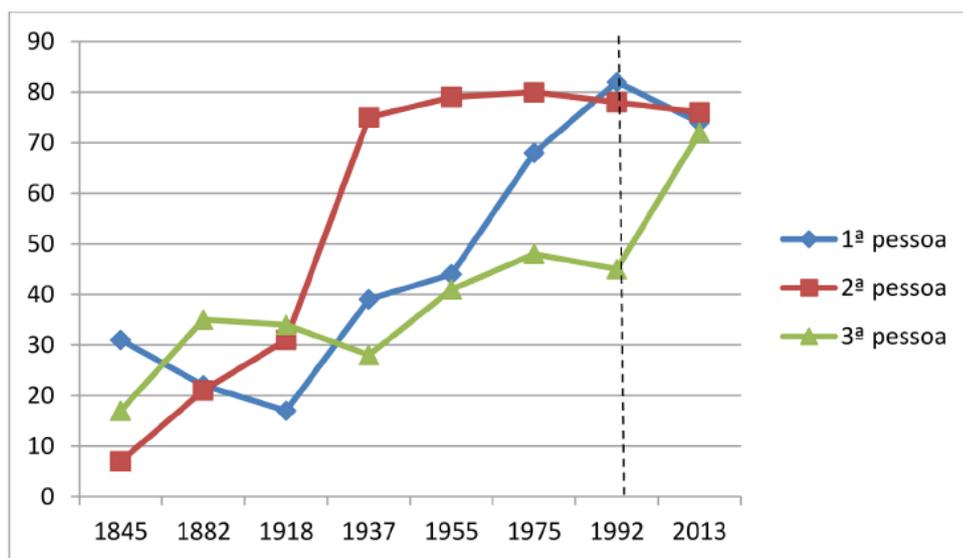
---

<sup>7</sup> Exemplo retirado de Duarte (2019, p. 103).

intermediário nessa mudança. Contudo, a terceira pessoa se distingue ao permanecer com taxas altas de uso de sujeito nulo do início ao fim do estudo.

Dando sequência às investigações de Duarte (1993), Othero & Spinelli (2019) analisaram duas peças de teatro do Rio de Janeiro de 2011 e de 2013 e verificaram que essa assimetria – que demonstrava que a terceira pessoa possuía ainda uma quantidade de ocorrências de sujeito nulo muito maior do que os pronomes de primeira e segunda pessoas – já não acontecia mais. Os autores encontraram resultados semelhantes aos da análise de Duarte (1993) a respeito da primeira e da segunda pessoas, pois esses sujeitos tendem a ser expressos (marcando entre 70% e 80% das ocorrências). Para a terceira pessoa, os autores observaram um aumento muito significativo no nível do preenchimento do sujeito pronominal, indicando que o PB agora está favorecendo orações com sujeito expresso em todas as pessoas do discurso, diferentemente do que havia constatado Duarte (1993).

Gráfico 3 – Análise de peças teatrais cariocas, por Duarte (1993) e Othero e Spinelli (2019)



Fonte: Othero e Spinelli (2019, p. 16)

O gráfico mostra a sequência dada por Othero & Spinelli (2019) aos resultados obtidos por Duarte (1993) para as ocorrências de sujeito expresso nas análises de peças teatrais. Os dados mostram que a assimetria das ocorrências de sujeito preenchido em terceira pessoa em relação aos de primeira e segunda pessoas que aparecia na análise de Duarte agora já não acontece. Em 1845, primeiro período analisado por Duarte (1993), o sujeito preenchido representava cerca de 30% para a primeira pessoa, menos de 10% para a segunda pessoa e menos de 20% para a terceira pessoa. Em 1992, as ocorrências em primeira e segunda pessoas

eram próximas de 80%, mas as de terceira pessoa ficavam abaixo de 50%. Agora, em 2013, constatou-se que as ocorrências em todas as pessoas ficavam entre 70% e 80%. Assim, percebemos um aumento considerável de sujeito preenchido em terceira pessoa, emparelhando e favorecendo o uso de sujeito expreso em todas as pessoas. Com esses resultados, vemos que o preenchimento da posição de sujeito é cada vez mais frequente em português brasileiro, independentemente da pessoa gramatical.

---

Nesse capítulo, apresentamos alguns estudos relevantes a respeito da alternância entre preenchimento e omissão do sujeito. Percebemos que o PB tem favorecido o sujeito expreso em todas as pessoas do discurso. No próximo capítulo, a fim de verificarmos as ocorrências do fenômeno na escrita, analisaremos a influência das marcas morfológicas na omissão do sujeito em textos dissertativos-argumentativos.

## 4. ANÁLISE DE TEXTOS DISSERTATIVO-ARGUMENTATIVOS

A fim de descrever as ocorrências de sujeito nulo e expresso em textos escritos, empreendemos uma análise de dados provenientes de textos dissertativo-argumentativos. Este capítulo compreende a descrição da metodologia empregada – formação do corpus e perfil dos participantes, variáveis analisadas e descrição dos principais resultados – e a análise dos dados alcançados.

### 4.1 Formação do corpus

O corpus do presente trabalho é composto por 619 ocorrências de verbos em textos dissertativo-argumentativos – mais especificamente, redações preparatórias para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e para o exame vestibular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Os dados estão divididos em dois grupos: 304 verbos foram retirados de textos modelo ENEM e 315 verbos de textos modelo UFRGS.

Segundo Garcez (2017), no texto dissertativo-argumentativo,

as ideias são organizadas no sentido de persuadir o leitor, de convencê-lo. Os enunciados (argumentos) atribuem qualidades e informações em relação ao objeto ou fenômeno de que se fala para reforçar uma posição, um ponto de vista. Os argumentos podem ser exemplos, qualidades, depoimentos, citações, fatos, evidências, pequenas narrativas, dados estatísticos, entre outros recursos de convencimento (GARCEZ, 2017, p. 46).

A escolha do gênero é justificada pelo fato de que, em comparação com outros gêneros, textos argumentativos permitem manter um referente específico, já que requerem um posicionamento opinativo do autor em relação a um determinado assunto.

As duas bancas exigem a mesma tipologia de texto, mas cada prova possui um conjunto de características relevantes que contribuem para que haja diferença na construção dos textos para cada um dos modelos exigidos. O ENEM, por exemplo, possui uma escolha temática mais ampla, evidenciando mazelas sociais e exigindo posicionamento do aluno a partir do apontamento da problemática, da opinião em relação a esta e da criação de propostas de intervenção que visem solucionar o problema apresentado. Dessa forma, percebe-se um certo distanciamento do aluno em relação ao tema, colocando-o em uma posição de análise em terceira pessoa sobre algo que acontece na sociedade da qual ele faz parte. Por outro lado, o vestibular da UFRGS desde 2017 tem propostas construídas de maneira mais subjetiva,

exigindo não só uma análise do aluno apontando vantagens e desvantagens sobre o assunto, mas também um posicionamento claro em relação ao texto motivador, concordando completa ou parcialmente, ou discordando completa ou parcialmente dos argumentos apresentados pelo autor no texto-base, configurando a intertextualidade.

Além disso, os próprios textos motivadores de cada banca possuem diferenças importantes para o encaminhamento da produção do aluno. No ENEM, os textos motivadores são recheados de informações a respeito do tema, com dados, gráficos e exposições a respeito do que se quer debater. Já na prova do vestibular da UFRGS, nos últimos anos, há um texto opinativo como base a respeito de um assunto pré-determinado, e o candidato deve construir a sua argumentação inspirado no texto opinativo inicial, colocando seu ponto de vista sobre o assunto e debatendo com o autor do texto-base, transformando seu texto em uma produção mais subjetiva a partir da clareza do ponto de vista.

Também, vale destacar que a prova do ENEM aceita produções de 7 a 30 linhas, enquanto a prova da UFRGS exige textos de 30 a 50 linhas. Isso influencia diretamente na quantidade de verbos utilizados a cada produção e na capacidade de síntese do aluno para expressar o seu ponto de vista. Dessa forma, pode-se defender que o ENEM seja uma prova mais objetiva, inclusive pela necessidade de adequar o texto a competências pré-determinadas pela banca de avaliação e esclarecidas em manual prévio, enquanto a prova da UFRGS se mostra uma prova mais subjetiva, oportunizando ao aluno a clara demonstração de concordâncias e discordâncias próprias em relação a um texto motivador em um debate intertextual.

As redações analisadas foram escritas por alunos de cursos pré-vestibular de diferentes regiões do estado para atividades semanais de avaliação, e não especificamente para a composição da amostra. Apesar da variação de localidades, o perfil dos alunos é o mesmo: jovens estudantes de 18 a 25 anos com Ensino Médio em andamento/completo<sup>8</sup>. Na exposição dos resultados, nenhum estudante ou local é identificado.

Para a formação do corpus, após a leitura do texto, selecionamos todos os verbos passíveis de receber marca de flexão, como vemos nos exemplos em (4).

(4)<sup>9</sup> “O governo *deveria* investir em propagandas de leitura nas escolas [...]”

---

<sup>8</sup> Em relação à escolaridade, os sujeitos são, em geral, alunos formandos e recém-formados no Ensino Médio regular.

<sup>9</sup> Com exceção do exemplo (8), todos os demais exemplos numerados utilizados no capítulo 4 foram retirados do corpus de análise.

“*Convivemos* com muitas pessoas nessa faixa etária [...]”

“Essa exorbitância de informações *gera* o uso excessivo de redes sociais [...]”

Foram dispensados da análise alguns verbos acompanhados da partícula *se* como um indeterminador de sujeito (em recurso de generalização de referente) por não possuírem utilidade para o estudo. Os verbos selecionados para a análise foram numerados e transcritos para um arquivo Excel e foram etiquetados quanto ao tipo de sujeito e também quanto ao referente, à riqueza morfológica, à pessoa do discurso e ao número, como veremos na próxima seção.

#### 4.2 Variáveis a serem analisadas

A variável dependente é tipo de sujeito, se sujeito expresso por SN desenvolvido<sup>10</sup>, sujeito expresso por pronome ou sujeito nulo. Exemplos das ocorrências podem ser vistas abaixo.

- (5) “[...] pessoas especiais *dependem* constantemente do bom senso alheio”  
 “[...] esses<sup>11</sup> não *recebem* uma mão de apoio”  
 “[...] e *merece* o mesmo nível de dignidade e oportunidade”

As ocorrências de preenchimento ou apagamento do sujeito serão avaliadas em relação às seguintes variáveis independentes.

##### *i) Riqueza morfológica*

Segundo Duarte (1993, 1995), o empobrecimento das marcas morfológicas leva ao maior preenchimento da posição de sujeito. Assim, hipotetizamos que há mais ocorrências de sujeito nulo com verbos de morfologia rica e mais preenchimentos de sujeito com verbos de morfologia pobre. A fim de testar esta hipótese, classificamos todas as ocorrências verbais em “morfologia rica” ou “morfologia pobre”.

<sup>10</sup> Nos gráficos seguintes, o sujeito expresso por SN desenvolvido (ex. *o Estado utiliza os recursos naturais*) fica representado por SN (N), já que N é o único elemento obrigatório no SN desenvolvido.

<sup>11</sup> Por aceitarem flexão de gênero e de número, os pronomes demonstrativos foram contabilizados como SN (pro), apesar de serem raras as suas ocorrências.

- (6) “*Vivemos* em uma fase na adolescência de aceitação [...]”  
 “Muitas pessoas *padecem* com este problema no Brasil, tendo como pontos principais os padrões impostos pela sociedade e a falta de acessibilidade”

ii) *Lexema verbal*

Textos dissertativo-argumentativos preparatórios para os exames federais apresentam, por vezes, ocorrências de um mesmo lexema. Além das formas de palavra – isto é, a forma com que o verbo foi utilizado na sentença –, preenchemos uma coluna com o lexema, a forma abstrata que compreende todas as formas flexionais do paradigma.

- (7) “Na Idade Média, gordo *era* sinônimo de riqueza”  
 “Infelizmente, esse óbice *é* crescente na sociedade atual”  
 “[...] a sociedade não *será* castigada pelas atitudes dessas”

iii) *Pessoa do discurso*

A análise da variável *pessoa do discurso* está parcialmente relacionada com a primeira variável mencionada – riqueza morfológica –; contudo, há uma relação assimétrica: verbos com morfologia rica só podem expressar a desinência de primeira pessoa, mas nem toda expressão de primeira pessoa configura um verbo de morfologia rica. A primeira pessoa do singular, que é mais específica e marcada em relação às demais, pode apresentar morfologia pobre, por exemplo, no tempo pretérito imperfeito, em que se neutraliza com a terceira pessoa (ex. *eu estudava / ele estudava*).

- |     |             |              |
|-----|-------------|--------------|
| (8) | Eu comprei  | Eu comprava  |
|     | Ele comprou | Ele comprava |

Além disso, é válida a investigação sobre o papel da pessoa do discurso para fins comparativos. Othero e Spinelli (2019) demonstram, a partir do estudo de textos teatrais do século XXI, que as porcentagens de ocorrências de sujeito exposto estão emparelhadas nas três pessoas pronominais e possuem alta incidência.

iv) *Número gramatical*

A partir da diminuição das variações de flexão verbal associada ainda à competição entre pronomes como *a gente* e *nós*, queremos analisar o número de incidências de concordâncias de plural que se neutralizam para formas singulares.

Hipotetizamos que, mesmo em textos mais formais, as neutralizações no singular podem acontecer, principalmente com verbos de terceira pessoa, ocasionando dúvida em relação ao referente, assim preenchendo o sujeito.

(9) “As redes sociais *facilita e mascara* as pessoas [...]”

Após classificadas todas as ocorrências de verbos, realizamos as medições de frequência e proporção e geramos os dados descritivos no programa Excel.

### **4.3 Análise dos resultados**

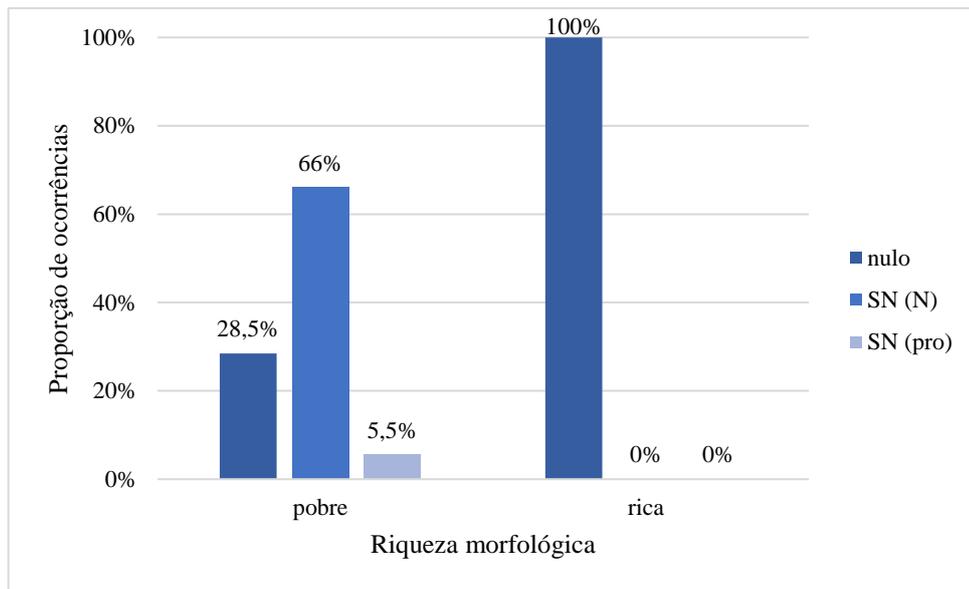
Nesta seção, apresentaremos os resultados referentes aos tipos de ocorrências de sujeito em relação a alguns fatores estruturais, como riqueza morfológica, lexema, pessoa do discurso e número gramatical. Em um primeiro momento (seção 4.3.1), apresentaremos os dados extraídos de textos preparatórios para o ENEM; logo após (seção 4.3.2), a mesma análise será feita com dados de textos que atendem às exigências do vestibular da UFRGS. Ao final, será feita uma análise (seção 4.3.3) em que apresentaremos a distribuição geral dos resultados obtidos nas análises dos dois modelos textuais.

#### **4.3.1 Análise dos resultados nas redações preparatórias para o ENEM**

No corpus formado por redações padrão ENEM, foram analisadas 304 ocorrências de sujeito, retiradas de 15 textos. Iniciaremos a descrição dos resultados confrontando o tipo de sujeito utilizado com a riqueza morfológica do verbo, perseguindo a hipótese de que verbos com morfologia rica (ex. *peguei*) são mais permissivos quanto ao uso de sujeito nulo, já que a informação necessária já está presente na forma verbal. Foram encontrados 11 verbos com morfologia rica e 253 verbos com morfologia pobre. Os resultados obtidos podem ser vistos no gráfico 4<sup>12</sup>.

---

<sup>12</sup> Os gráficos com número bruto de ocorrências podem ser encontrados no Anexo 7.5.

Gráfico 4 – Tipo de sujeito x riqueza morfológica (ENEM)<sup>13</sup>

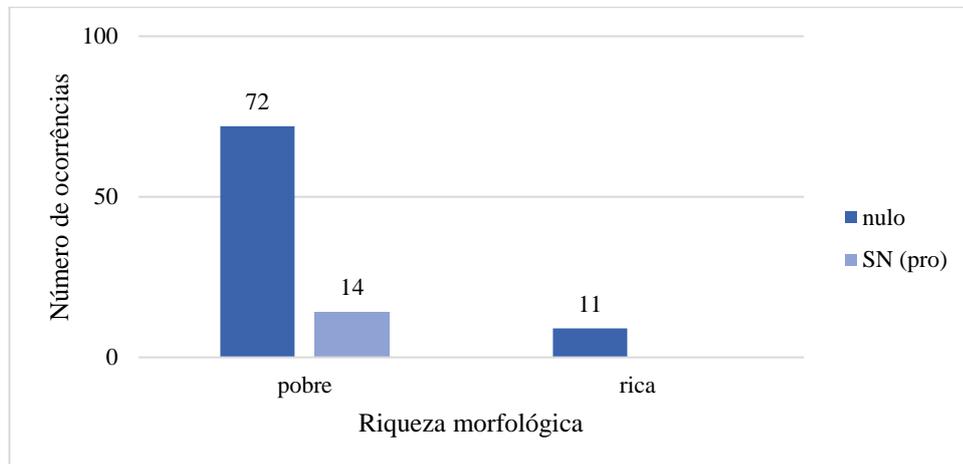
Fonte: autor (2020)

O gráfico 4 apresenta uma quantidade de ocorrências de verbos de morfologia pobre muito superior aos de morfologia rica. Foram encontrados apenas 11 verbos de morfologia rica nos textos analisados, justamente pelo distanciamento do aluno em relação aos posicionamentos necessários para construir a argumentação nesse modelo. Também vale destacar que nenhum verbo de morfologia rica apresentou um recurso diferente do uso de sujeito nulo na referência, mas os verbos de morfologia pobre variaram os recursos entre sujeito nulo (28,5%), SN (66%) e marcação de pronome (5,5%). A preferência, no caso dos verbos de morfologia pobre, é pelo uso do SN desenvolvido para expressar o sujeito, já que os alunos, em geral, parecem entender que essa é a maneira mais clara de garantir a compreensão do leitor a respeito do que se está defendendo. Como recurso coesivo, há o interesse do candidato em utilizar a variação vocabular para se manter sempre dentro do tema e, assim, com essa preferência pelo SN desenvolvido, a utilização de verbos de morfologia rica cai consideravelmente, e a utilização da morfologia pobre aumenta. É importante destacar que os verbos de morfologia rica não aceitam produção de SN desenvolvido (ex: *acredito, devemos*). Assim, temos, em ocorrências de morfologia pobre, um percentual de preenchimento da posição de sujeito de 71,5%, e, em ocorrências de morfologia rica, temos 100% de sujeitos nulos.

<sup>13</sup> A fim de compararmos os níveis de *riqueza morfológica*, cada nível dessa variável corresponde a 100%.

Dessa forma, é relevante confrontarmos as ocorrências de sujeito nulo e de sujeito pronominal em relação aos dois tipos de morfologia para entender qual tipo de sujeito tem mais incidências, verificando o gráfico seguinte.

Gráfico 5 – Sujeito nulo e pronominal x riqueza morfológica (ENEM)

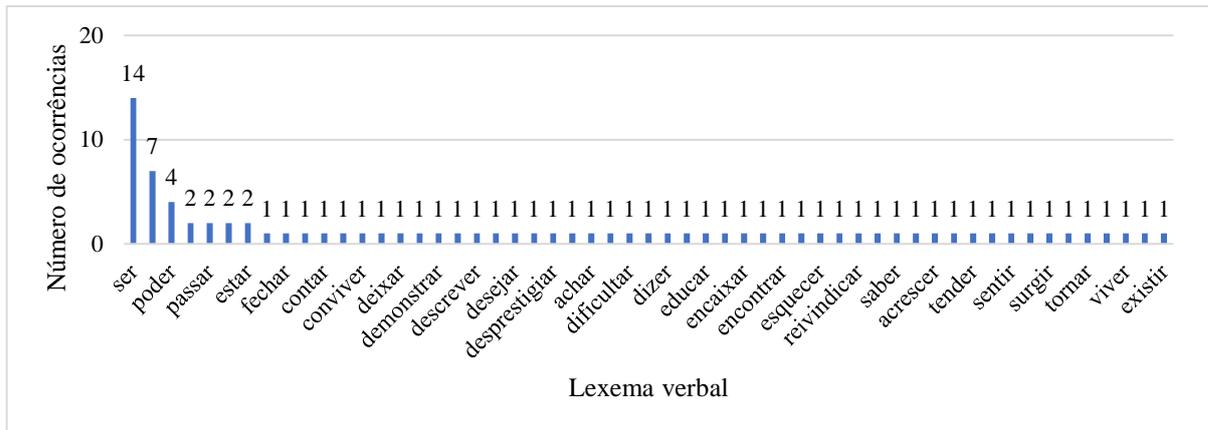


Fonte: autor (2020)

O gráfico 4 mostra que todas as ocorrências de morfologia rica (que foram escassas) nos textos analisados possuem sujeito nulo, evidenciando a qualidade das informações contidas na desinência e a falta de necessidade do uso de demais recursos para marcação de sujeito expresso. Já em relação à morfologia pobre, o gráfico 5 ilustra a preferência pelo sujeito nulo em relação à marca pronominal, o que mostra um resultado diferente do esperado na hipótese, visto que os verbos de morfologia pobre não apresentam as informações de referência na sua própria base. É importante lembrar que, mesmo assim, o SN desenvolvido ainda foi o recurso preferencial nesse tipo de verbo, como visto no gráfico 4, entretanto, em relação ao sujeito pronominal, o sujeito nulo possui uma superioridade cinco vezes maior no número de ocorrências.

Para tentar entender o motivo pelo qual obtivemos resultados inesperados na análise do sujeito nulo em morfologia pobre, fizemos uma análise sobre os lexemas. Queremos ver se isso ocorre apenas com verbos muito específicos e qual contexto possibilita esse resultado. O gráfico 6, abaixo, mostra quais verbos tiveram mais ocorrência de sujeito nulo.

Gráfico 6 – Sujeito nulo x lexema (ENEM)



Fonte: autor (2020)

No gráfico 6, é possível perceber os verbos de maior incidência no texto e que possuem o sujeito nulo. Destacam-se os verbos *ser*, com quatorze incidências, *poder*, com sete incidências, e *passar*, com quatro incidências. A partir da análise dos contextos em que os verbos aparecem nos textos, é possível perceber um padrão em relação ao uso, por exemplo, do verbo *ser*, que aparece com sujeito nulo em construções coordenadas. Dessa forma, a referência ao sujeito fica assegurada pela repetição da estrutura oracional.

- (10) “[...] os deficientes *eram* considerados inúteis e indignos de viver, logo, *eram* exterminados”  
 “[...] o sarampo *matou* mais de 2 milhões de crianças e foi erradicado no Brasil em 2001”

Entretanto, esse mesmo verbo, quando não está inserido em um contexto coordenado, exige uma marcação de sujeito expreso, justificando, assim, o gráfico 4 e a quantidade incidências de SN desenvolvido.

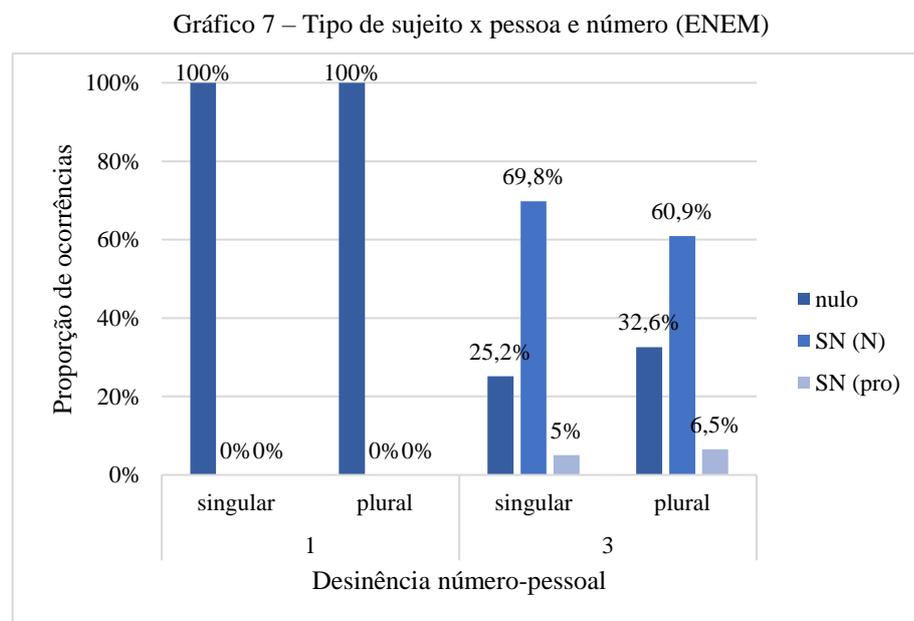
- (11) “O objetivo *seria* a conscientização da população [...]”  
 “A eficácia das vacinas já *foi* comprovada pela ciência [...]”

Da mesma forma, outro verbo com grande incidência de sujeito nulo, *poder*, também parece aceitar esse recurso apenas em contextos em que o sujeito esteja claro devido à repetição de estrutura sintática a partir da coordenação.

- (12) “[...] várias situações não recebem uma mão de apoio e *pode* lhes custar a vida”  
 “Notícias, fotos, vídeos falsos *podem* influenciar pessoas que sofrem com algum problema psicológico”

Assim, é possível justificar a quantidade de ocorrências de sujeito nulo em verbos de morfologia pobre a partir da compreensão de que, pela preferência por marcação de sujeito expresso nesse tipo de verbo com o recurso do SN desenvolvido, nas orações coordenadas<sup>14</sup> é possível que o verbo de morfologia pobre apareça com sujeito nulo devido à repetição sintática, garantindo que não haja ambiguidade em relação ao referente.

Outro aspecto importante a ser analisado no texto dissertativo-argumentativo é em relação às desinências dos verbos utilizados, como é mostrado a partir do gráfico 7.



Fonte: autor (2020)

No modelo de texto solicitado pelo ENEM, devido ao distanciamento do autor em relação à temática, é visível a preferência dos alunos pelos verbos em terceira pessoa, que configura a morfologia pobre. Os verbos de morfologia rica estão divididos em 4 ocorrências no singular (100%) e 7 ocorrências no plural (100%), caracterizando contextos muito específicos para que haja a opção por esse tipo de verbo. A primeira pessoa é, de maneira geral,

<sup>14</sup> A estrutura coordenada, segundo Duarte (1993, p. 111), é uma favorecedora universal de sujeito nulo, até em línguas -pro-drop como o inglês: *John came here and Ø told me he was hungry* - do inglês, *John veio aqui e me contou que ele estava com fome*.

escolhida para fazer um panorama geral a respeito do tema a ser debatido, comumente aparecendo na introdução dos textos.

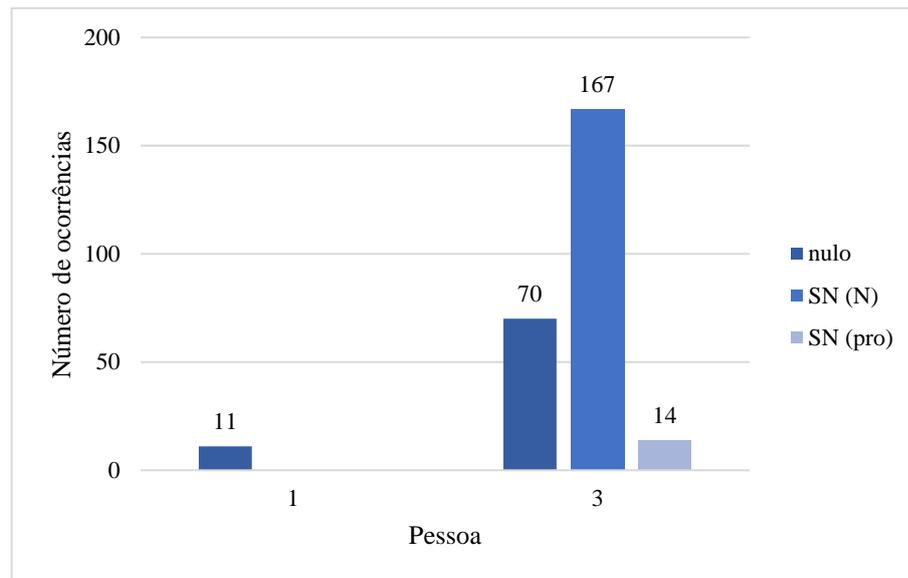
- (13) “[...] *sabemos* que a realidade é outra, onde diversos jovens sofrem para se encaixar nos parâmetros impostos pela sociedade”  
 “É possível afirmar que com o intuito de que tragédias ambientais sejam evitadas *devemos* dar mais importância para causas ambientais”

Além disso, são raras as vezes em que os alunos colocam as suas opiniões de maneira clara em primeira pessoa, fazendo apontamentos sobre o que pensam especificamente. Esse modelo textual, devido às competências apontadas pela banca de avaliação, aponta para uma preferência pelo posicionamento do aluno de maneira mais ampla, considerando a participação em sociedade. Assim, percebemos que a primeira pessoa do singular aparece nos textos também em contextos específicos para reafirmar posicionamentos previamente abordados no corpo da produção textual.

- (14) “Dessa forma, *julgo* necessário que haja a união imediata entre meios de tecnologia, governo federal e os ministérios da educação e da saúde”  
 “Portanto, *concordo* parcialmente com o texto”  
 “*Vivemos* em uma fase da adolescência de aceitação, nela *passamos* um bom período se conhecendo”

Como a primeira pessoa do plural aparece nos textos a fim de situar o leitor a respeito da proposta temática, pode-se perceber que o referente aponta para um sujeito mais genérico, na tentativa de incluir o leitor no argumento utilizado pelo aluno autor do texto. Assim, compreende-se a escassez de verbos de morfologia rica no texto, pois o contexto introdutório específico em que estes se encaixam rapidamente se esgota, ocasionando um número muito menor de verbos de morfologia rica nesse modelo de texto. No gráfico abaixo, fica evidente a inferioridade numérica de ocorrências de primeira pessoa nos textos modelo ENEM.

Gráfico 8 – Tipo de sujeito x pessoa (ENEM)

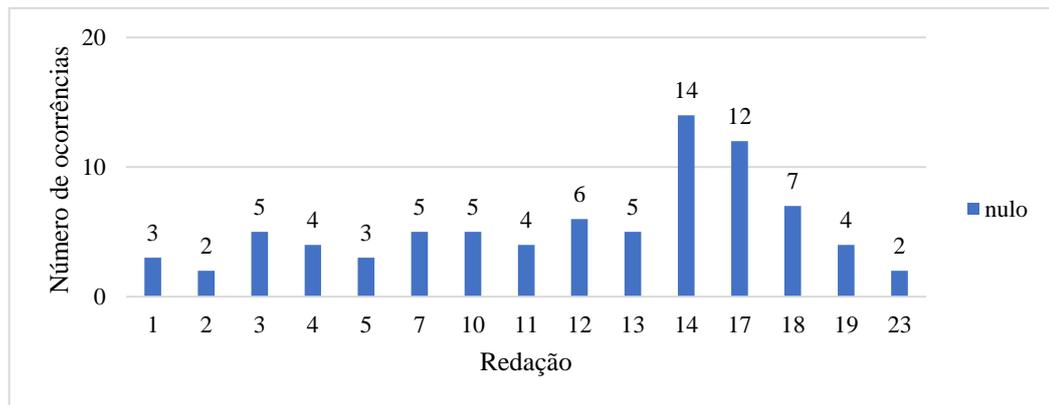


Fonte: autor (2020)

O gráfico 8 demonstra a preferência pelos verbos em terceira pessoa nos textos modelo ENEM, tendo superioridade de ocorrências de SN desenvolvido. Todos os verbos de primeira pessoa são de morfologia rica e, portanto, possuem sujeito nulo. Já em relação aos de terceira pessoa, há uma quantidade considerável de verbos com sujeito nulo, mas isso se explica pela conexão discursiva ótima, visto que esses verbos aparecem em contextos em que há uma manutenção de aspectos verbais, além da repetição da função sintática do sujeito, garantindo a referência aos participantes do discurso e tornando desnecessária a marcação de sujeito expresso.

(15) “As pessoas não se *encaixam* na sociedade e *deixam* de frequentar o meio social”

Também, um último gráfico torna-se relevante para as reflexões a respeito dos usos de sujeito nulo nos textos dissertativos. Trata-se do gráfico abaixo, que mostra o número de ocorrências de sujeito nulo por redação analisada.

Gráfico 9 - Análise por redação (ENEM)<sup>15</sup>

Fonte: autor (2020)

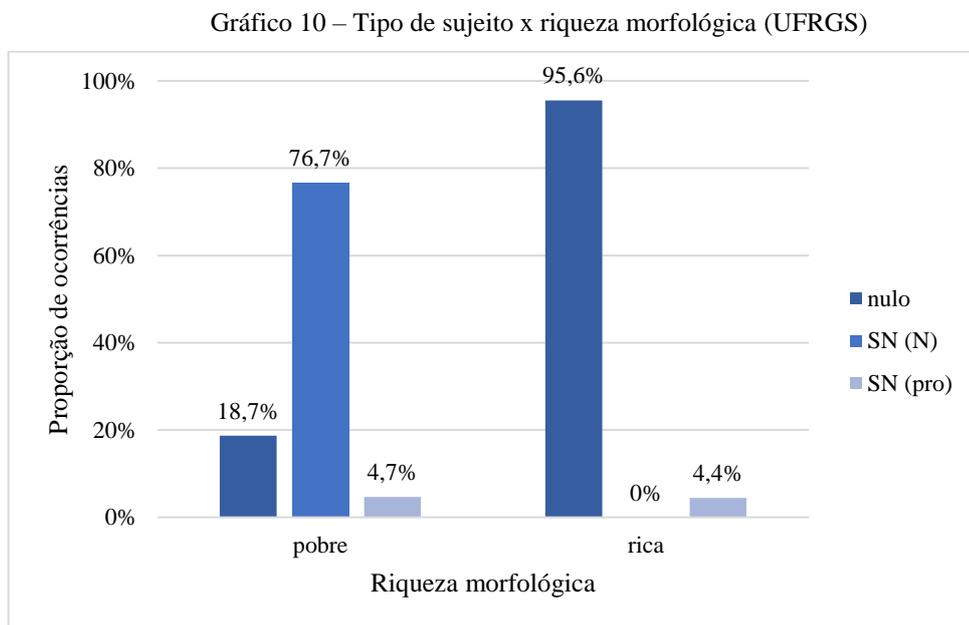
O gráfico acima mostra que algumas redações possuem um número de ocorrências de sujeito nulo superior em relação às demais. Isso se explica muito a partir da reflexão a respeito do tema solicitado para cada produção. O gráfico mostra que as redações 14, 17 e 18 possuem um número mais elevado de ocorrências de sujeito nulo em relação às demais. As redações 14 e 18 proporcionam uma reflexão a respeito de Necessidades Especiais, e a redação 17 falava sobre Dependência Tecnológica. Ambas as propostas faziam perguntas mais subjetivas, que envolviam mais a opinião do autor, como por exemplo “Dependência Tecnológica é um problema real?”. Dessa forma, percebe-se que o autor se sente convocado a expressar a sua opinião própria com mais ênfase do que nas demais propostas.

Os textos 1, 2, 3, 4, 5, 7, 10, 11, 12, 13, 19 e 23 possuem um índice mais baixo de ocorrências de sujeito nulo devido às propostas trabalhadas, que envolviam um direcionamento um pouco mais distante do autor em relação à temática. Exemplo disso é a redação número 10 (e também a 11, pois são de mesmo tema), que tem a proposta “Caminhos para combater a gordofobia”. A forma como essa proposta foi apresentada aos alunos naturalmente objetiva uma visão mais ampla sobre o assunto e um encaminhamento mais claro sobre uma proposta de solução para a problemática desenvolvida. Dessa forma, percebe-se que o distanciamento afeta a utilização de verbos em primeira pessoa e, por consequência, diminui as ocorrências de morfologia rica e de sujeito nulo.

<sup>15</sup> Em relação aos números de referência para cada texto (eixo x), vale observar também que os textos de número 6, 8, 9, 15, 16, 20, 21 e 22 foram desconsiderados devido à ilegibilidade ou a inconsistências em relação ao gênero textual solicitado.

### 4.3.2 Análise dos resultados nas redações preparatórias para o vestibular UFRGS

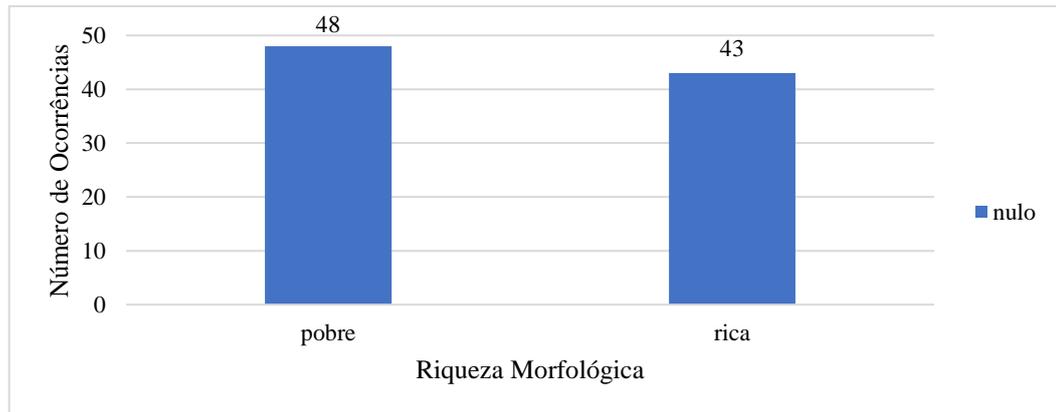
A proposta temática das redações padrão UFRGS, como comentamos na seção 4.1, é formada por perguntas a respeito da concordância ou discordância do candidato em relação a um texto argumentativo. Esperamos encontrar neste padrão mais contextos de primeira pessoa e, como consequência, de verbos com morfologia rica. Neste conjunto de textos, foram analisadas 315 ocorrências de sujeito. O cruzamento entre as diferentes ocorrências de sujeito e a riqueza morfológica do verbo pode ser visto no gráfico abaixo.



Fonte: autor (2020)

Há apenas 45 ocorrências de verbos de morfologia rica, com 95,6% de ocorrências de sujeito nulo. Em uma análise geral, os dados brutos poderiam mostrar apenas a predominância da morfologia pobre (257 ocorrências) nos textos dissertativo-argumentativos, mas devemos ressaltar que isso acontece por uma restrição do sistema, já que nenhum verbo de morfologia rica aceitará SNs desenvolvidos como argumento externo. Assim, a comparação que visa avaliar os dois tipos morfológicos só é válida se confrontarmos as ocorrências de uso de pronomes ou de sujeito nulo, como fazemos no gráfico abaixo.

Gráfico 11 – Sujeito nulo x riqueza morfológica (UFRGS)

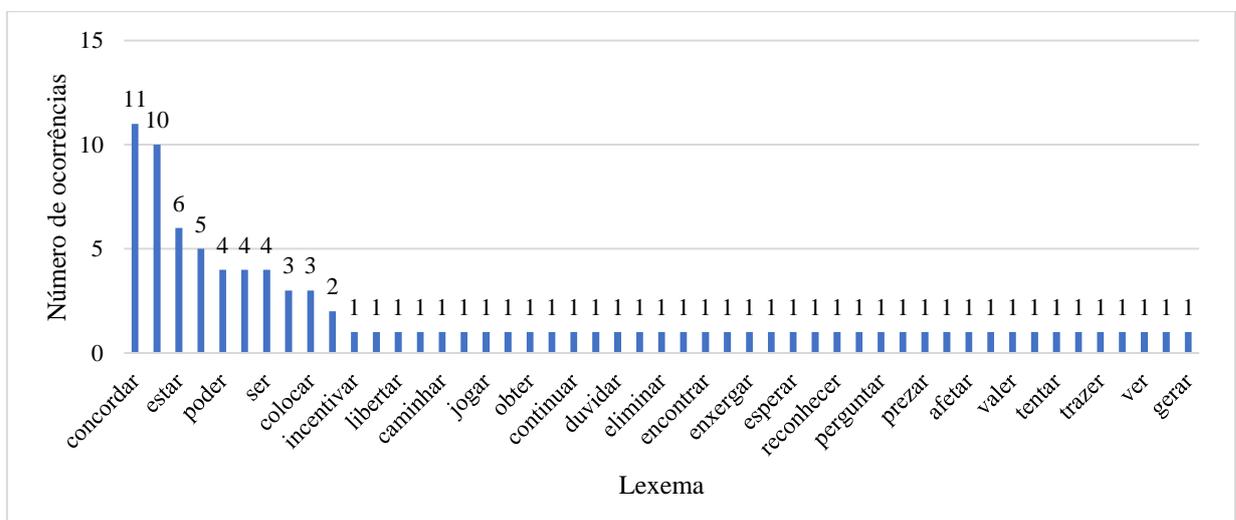


Fonte: autor (2020)

O gráfico 11, por sua vez, é capaz de revelar, em números brutos, que as ocorrências de sujeito nulo são quase equivalentes para verbos de morfologia pobre ou rica. Ao compararmos esses dados com as ocorrências de pronomes apontadas no gráfico 10, podemos verificar comportamentos distintos para casos de pronome e de sujeito nulo. Enquanto pronomes são geralmente expressos ao lado de um verbo morfologicamente pobre, verbos de morfologia rica geralmente são utilizados sem o uso pronominal. Nos textos analisados, apenas duas ocorrências de verbo com morfologia rica apontam para um sujeito pronominal. O sujeito nulo, por outro lado, parece ocorrer igualmente, sem que haja influência da informação flexional.

O resultado é diferente do esperado pela hipótese, mas podemos verificar os verbos em que o sujeito nulo aparece com mais frequência ao analisar o gráfico abaixo, que compara o sujeito nulo em relação aos lexemas.

Gráfico 12 – Sujeito nulo x lexema (UFRGS)



Fonte: autor (2020)

A partir do gráfico 12, percebemos qual o tipo de verbo que possui mais ocorrências de sujeito nulo. Por se tratar de um modelo mais subjetivo, o verbo que mais aparece com sujeito nulo e, conseqüentemente, com morfologia rica é o *concordar*. Ele é utilizado pelos alunos como recurso de assertividade para garantir que a tarefa da proposta seja cumprida: concordar total ou parcialmente com o autor do texto, discordar total ou parcialmente do autor do texto.

- (16) “*Concordo* parcialmente com o texto em dois pontos. *Concordo* que os atletas masculinos e femininos têm evoluído igualmente”  
 “*Concordo* totalmente com as ideias expressas pelo autor”

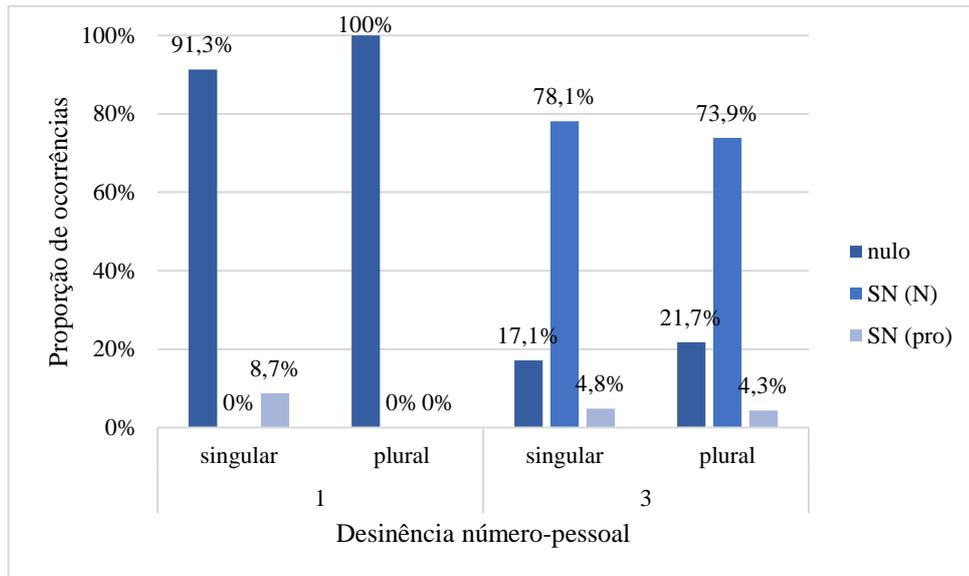
Outro verbo que aparece com frequência associado ao sujeito nulo é o verbo *estar*. Entretanto, esse verbo aparece ligado ao sujeito nulo, em sua maioria, em casos de morfologia rica, mas também surge em ocorrências de morfologia pobre. O que explica isso, novamente, é a referenciação externa, que garante que não haja ambigüidade em relação ao sujeito, licenciando, assim, o sujeito nulo. Percebemos que os contextos em que esse verbo de morfologia pobre surge com sujeito nulo são os de conexão discursiva ótima, devido à manutenção da função de sujeito e dos aspectos do verbo.

- (17) “[...] *estaremos* correndo o risco de incentivar atitudes infortunas pelos doentes”  
 “A falta de cuidados sanitários e de água potável *estavam* presentes no trabalho escravo do século XIX e ainda *estão* no século XXI”

Dessa forma, entendemos que, assim como ocorreu com os textos ENEM, podemos encontrar verbos de morfologia pobre com sujeito nulo nos modelos UFRGS a partir da possibilidade de compreensão do sujeito por meio de referências externas e de repetições oracionais.

Também, é relevante verificar as desinências dos verbos em relação ao tipo de sujeito apresentado. O gráfico 13 mostra como o SN desenvolvido é o recurso preferencial ao tratar da terceira pessoa, enquanto os verbos de primeira pessoa possuem uma clara preferência pelo sujeito nulo.

Gráfico 13 – Tipo de sujeito x pessoa e número (UFRGS)



Fonte: autor (2020)

Nos textos modelo UFRGS, diferentemente da prova do ENEM, há subjetividade nas temáticas a partir da exigência de que o autor do texto se posicione em relação a um texto base opinativo. Nesse sentido, podemos perceber que as ocorrências de primeira pessoa aumentam significativamente em relação ao que se tinha ao analisar os gráficos referentes ao texto ENEM.

Mesmo assim, as provas de vestibular pouco incentivam o posicionamento em relação aos temas de maneira direta, o que cria no aluno uma preferência intrínseca por uma visão ampla a respeito do assunto debatido. Naturalmente, os verbos em terceira pessoa passam a ser muito mais comuns nesse tipo de texto, tendo, assim, uma ocorrência muito superior de verbos de morfologia pobre em relação aos de morfologia rica. Aqueles aparecem no texto preferencialmente com SN desenvolvido como primeiro recurso para referência do sujeito.

(18) “A autora *cita* no texto um dado científico [...]”

Outro recurso que aparece a partir dos verbos de terceira pessoa é o sujeito expresso pronominal.

(19) “Elas *poderiam* se sair melhores, já que biologicamente o metabolismo energético feminino é mais eficiente do que o masculino”

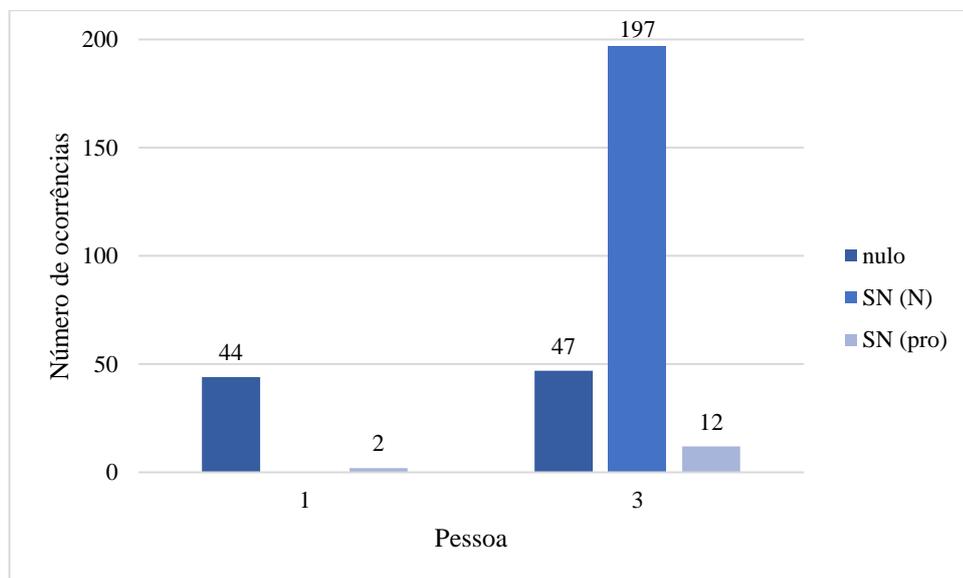
Contudo, o sujeito pronominal ainda é menos utilizado do que o sujeito nulo nesses verbos de morfologia pobre. Percebe-se que o sujeito nulo possui quase quatro vezes mais incidências do que o pronominal nos verbos de terceira pessoa do singular, e cinco vezes mais incidências nos verbos de terceira pessoa do plural.

- (20) “[...] moradores dessa região *aceitam* a sujeição às condições precárias de trabalho e, assim, *geram* lucro aos empresários”

O exemplo (20) ilustra o quanto os verbos de morfologia pobre são utilizados nos textos com sujeito nulo com o licenciamento dado pelo contexto. A coordenação de orações tira a ambiguidade que a desinência poderia apresentar, por apontar para um referente prévio claro. Dessa maneira, é possível entender o motivo pelo qual tantos verbos de morfologia pobre apresentam sujeito nulo, contrariando as expectativas iniciais dessa reflexão.

O gráfico 14 destaca e evidencia a relação entre o tipo de sujeito e a pessoa do discurso.

Gráfico 14 – Tipo de sujeito x pessoa (UFRGS)



Fonte: autor (2020)

Nos textos modelo UFRGS, as ocorrências de primeira pessoa são mais comuns, mas ainda são inferiores às ocorrências de terceira pessoa. Mesmo assim, percebe-se a importância do uso da primeira pessoa em uma perspectiva diferente da utilizada nos textos modelo ENEM: devido à exigência da banca avaliativa da UFRGS em haver um posicionamento de maneira direta a respeito de uma opinião prévia, a primeira pessoa aparece como recurso recorrente para

reforçar o posicionamento do autor do texto, e não só como uma forma de situar o leitor e incluí-lo ao que se está debatendo. Assim, as ocorrências de primeira pessoa aumentam devido à garantia do aluno no cumprimento da exigência da banca avaliadora e na clareza a respeito do posicionamento próprio.

(21) “*Acredito* que essa problemática possui raízes históricas”

“*Espero* que todo legado da escravatura seja exterminado de nossa sociedade”

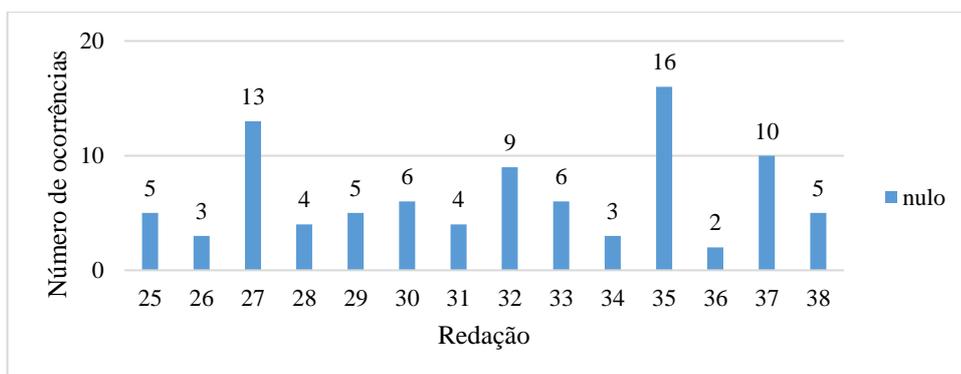
Ainda assim, há uma tentativa de visão ampla a respeito do assunto, que se evidencia pelo recurso do verbo na terceira pessoa.

(22) “O autor *demonstra* por meio de suas afirmações ser favorável à permanência dessa prática retrógrada [...]”

Ao fazer uso da terceira pessoa, reforça-se a referência a todo momento para garantir a unidade temática da produção a partir da repetição de SNs desenvolvidos. Dessa maneira, entendemos a grande preferência dos textos pelos verbos de morfologia pobre e, a partir disso, pelo recurso do SN desenvolvido em detrimento do próprio sujeito pronominal. É perceptível, no entanto, que o sujeito expresso tem muito mais incidências nas produções devido ao uso dos verbos em terceira pessoa, mesmo que ainda haja a ocorrência de sujeitos nulos nesse tipo de verbo (explicados pela referenciação externa).

Além disso, outro gráfico relevante para as reflexões a respeito dos usos de sujeito nulo nos textos dissertativos é o que mostra o número de ocorrências de sujeito nulo por redação analisada neste modelo.

Gráfico 15 – Análise por redação (UFRGS)



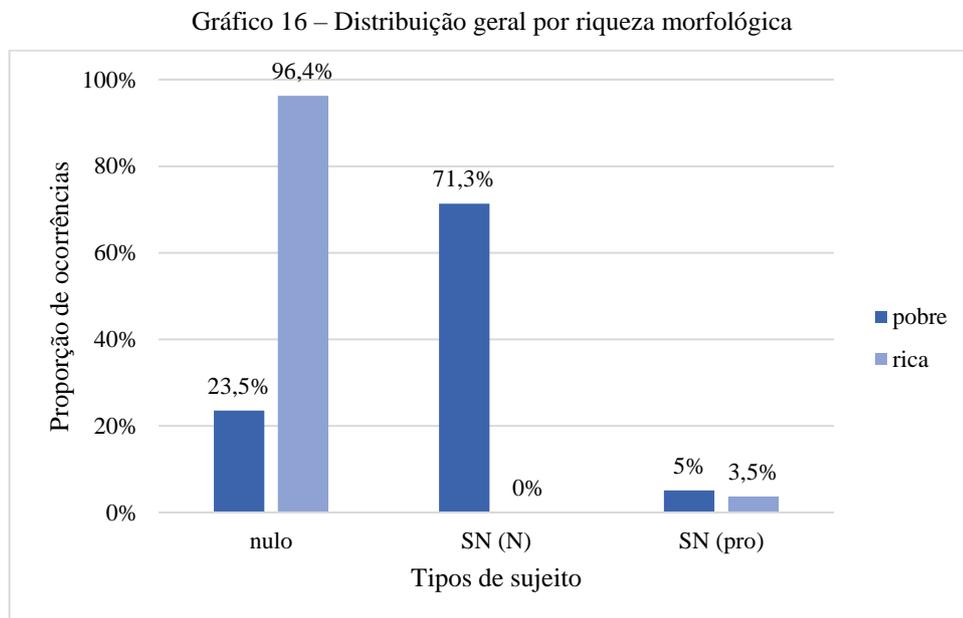
Fonte: autor (2020)

É possível perceber pela análise do gráfico acima que algumas redações possuem uma incidência de sujeitos nulos superior a outras. A redação 27, por exemplo, possuía um texto opinativo a respeito da depressão e do quanto esse mal assola o jovem atual. Esse tema possui uma peculiaridade: aproxima-se da realidade dos alunos. Essa aproximação naturalmente aumenta a subjetividade do texto, o que, em números, traduz-se em maior quantidade de verbos de morfologia rica e, dessa forma, maior quantidade de sujeitos nulos.

Por outro lado, redações como a 34, que falava sobre trabalho escravo nos dias atuais, tratam de temas um pouco mais amplos, exigindo uma visão social a respeito do assunto. Esse distanciamento ocasiona uma maior incidência de verbos de terceira pessoa, caracterizando a morfologia pobre e, assim, uma quantidade significativa de sujeitos expressos.

### 4.3.3 Distribuição geral dos dados

Outro gráfico que possui alta relevância para a discussão dos dados é o que considera os dois modelos textuais somados. Assim, fica evidenciada de uma maneira mais geral a distribuição dos tipos de sujeito de acordo com a riqueza morfológica.



Fonte: autor (2020)

O gráfico 16 mostra que o percentual de sujeitos nulos nos dois modelos textuais somados chega a 96,4% em ocorrências de morfologia rica, evidenciando uma equivalência entre o apagamento do sujeito e a qualidade da informação morfológica do verbo, confirmando

a hipótese investigada. Da mesma forma, em ocorrências de morfologia pobre, percebemos a preferência clara pelo sujeito preenchido, chegando à marca de 76,3% somando-se o SN desenvolvido e o sujeito pronominal.

---

Nesse capítulo, apresentamos a formação do corpus e as variáveis investigadas no estudo, a saber, riqueza morfológica, lexema verbal, pessoa e número. Logo após, seguimos para as análises baseadas em cada modelo textual. Tanto os textos do modelo ENEM, quanto os textos do modelo UFRGS, apontam para a confirmação da hipótese de Duarte (1993) também em textos escritos.

## 5. CONCLUSÃO

Nesse trabalho tratamos da relação entre as ocorrências de sujeito nulo e expresso e a riqueza morfológica dos verbos em textos preparatórios para o ENEM e para o vestibular UFRGS.

A primeira questão norteadora dizia respeito à relação entre a marcação do sujeito e a morfologia verbal. Seguindo a proposta de Duarte (1993, 1995), hipotetizamos inicialmente que ocorrências de sujeito nulo estariam relacionadas diretamente a ocorrências de verbos de morfologia rica. Nossos resultados mostram que a proposta de Duarte (1993, 1995) se confirma, visto que os gráficos apontam para uma equivalência entre verbos de morfologia rica e ocorrências de sujeito nulo. Nos textos modelo ENEM, 11 verbos eram de morfologia rica e todos os verbos possuíam sujeito nulo, correspondendo, então, a 100% de equivalência. Da mesma forma, nos textos modelo UFRGS, 45 verbos desse tipo de morfologia foram encontrados, dentre os quais, 43 possuíam sujeito nulo e apenas 2 verbos possuíam sujeito pronominal expresso. Esses números correspondem a 95,5% de equivalência entre morfologia rica e sujeito nulo, deixando apenas 4,5% para sujeitos expressos nesse tipo de morfologia.

É importante também reparar que, em ambos os modelos de texto, verbos de morfologia pobre também apresentavam incidências de sujeito nulo. Nas produções modelo ENEM, 28% dos verbos analisados de morfologia pobre possuíam sujeito nulo. Nas produções modelo UFRGS, 18% dos verbos de morfologia pobre possuíam, também, sujeito nulo. Esses números são explicados pela conexão discursiva ótima, visto que os contextos em que os verbos de terceira pessoa foram utilizados no texto associados ao sujeito nulo são em repetição sintática e em manutenção de aspectos verbais, garantindo a compreensão do referente sem ambiguidade, então, a partir de elementos externos à desinência verbal. Mesmo assim, em ambos os textos foram encontrados números muito superiores de ocorrências de verbos de morfologia pobre em relação aos de morfologia rica, o que resultou em uma incidência muito maior de sujeitos expressos do que de sujeitos nulos. A preferência das ocorrências de morfologia pobre foi pelo recurso do SN desenvolvido para a referência de sujeito, correspondendo a 66% dos dados nesse tipo de morfologia nos textos ENEM e a 76,6% nos textos UFRGS. Ainda, o recurso do sujeito pronominal corresponde a 5,5% das ocorrências na morfologia pobre dos textos ENEM, e a 4,6% nos textos modelo UFRGS.

A segunda questão norteadora estava ligada aos contextos de ocorrência do sujeito nulo nos modelos textuais ENEM e UFRGS. A hipótese de que o sujeito nulo ocorre em textos mais subjetivos, em que é estimulado um posicionamento próprio em primeira pessoa, foi

confirmada, visto que nos textos modelos UFRGS, 14,9% dos verbos analisados possuíam morfologia rica, enquanto nos textos modelo ENEM, apenas 4% dos verbos eram desse tipo.

Assim, em comparação entre os dois tipos de textos percebemos que os textos estruturalmente mais subjetivos (UFRGS) possuem mais verbos com sujeito nulo do que os textos mais objetivos (ENEM). Dos 315 verbos estudados nos textos modelo UFRGS, 45 correspondiam a casos de morfologia rica e, nos textos ENEM, dos 304 verbos analisados, apenas 11 correspondiam a casos de morfologia rica. Apesar de ambos os modelos de redação serem de mesma tipologia, existe uma diferença importante sobre as escolhas temáticas e montagem das propostas, e isso se reflete no tipo de verbo utilizado pelos alunos e na maneira como o posicionamento é tratado.

A partir das respostas às nossas questões, vemos que há uma relação direta entre a riqueza morfológica e o tipo de sujeito a ser utilizado nas produções dos alunos, o que ratifica a proposta de Duarte (1993, 1995), que defende que o aumento do quadro pronominal, associado à diminuição do paradigma flexional dos verbos, é determinante para a alteração do padrão do PB, visto que esse movimento diminui de maneira importante as ocorrências de morfologia rica e, conseqüentemente, aumenta as de morfologia pobre. Os verbos de morfologia rica, pela exclusividade desinencial, dispensam a marcação de sujeito expreso ao passo que os verbos de morfologia pobre, por apresentarem mais de uma possibilidade de referência pronominal, são acompanhados de sujeito expreso, salvo exceções específicas, como as encontradas nos casos de conexão discursiva ótima para verbos de sujeito nulo em situações de morfologia pobre. Assim, entendemos que este estudo contribui em números para que se perceba a mudança do PB em direção ao preenchimento da posição de sujeito, visto que as ocorrências de verbos com morfologia pobre, por consequência, com sujeito expreso, são muito superiores aos verbos de morfologia rica, os quais atestam o uso do sujeito nulo.

Como passos complementares da pesquisa, sugerimos a investigação da hipótese de Kato e Duarte (2018), que propõe que o ritmo prosódico da sentença – portanto, relacionada à língua falada – é condicionador da mudança do parâmetro pro-drop do PB. As autoras defendem que o falante de PB apresenta uma preferência pelo padrão V2 (verbo em segunda posição na sentença) em detrimento à possibilidade de V-Inicial, que favoreceria o sujeito nulo.

Esperamos, com essa análise, ter contribuído de forma descritiva e analítica para os estudos sobre sujeito nulo em português brasileiro.

## 6. REFERÊNCIAS

- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*, 37. ed. rev. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- CASTILHO, A. T. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- CHOMSKY, N. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.
- CINTRA, L. F. L. *Sobre Formas de Tratamento na língua portuguesa: ensaios*. Lisboa: Horizonte, 1972.
- CUNHA, C. F.; CINTRA, L. *Nova gramática do Português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- CYRINO, S. M. L.; DUARTE, M. E. L.; KATO, M. A. Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In: Kato, M.A. & Negrão, E.V. (Eds.) *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt: Vervuert-Iberoamericana, 2000, p. 55-104.
- DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (Coords.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: UNICAMP, 1993.
- DUARTE, M. E. L. *A perda do princípio “evite pronome” no português brasileiro*. Tese de doutoramento. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1995.
- DUARTE, M. E. L. Aspectos do sistema pronominal do português falado nas regiões Sudeste e Centro-Oeste. *Anais do XI Encontro Nacional da ANPOLL*. João Pessoa, PB, Brasil, 1996. p. 504-509.
- DUARTE, M. E. L. O português do Brasil no contexto das línguas românicas. *Actes du XXII e Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes*. Tübingen: Niemeyer, v. 2, 2000, p. 149-156.
- DUARTE, M. E. L. O sujeito nulo referencial no português brasileiro e no português europeu. In: GALVES, C.; ROBERTS, I.; KATO, M. A. (Org.). *Português Brasileiro: uma segunda viagem diacrônica*. 1ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2019, v. 1, p. 93-126.
- GARCEZ, L. H. do C. Gênero e tipo de texto. In: GARCEZ, L. H. do C.; CORRÊA, V. R. *Textos dissertativo-argumentativos: Subsídios para qualificação de avaliadores*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2017.
- KATO, M. A evolução da noção de parâmetros. *Revista DELTA*, vol.18, no.2, 2002.
- KATO, M. A.; DUARTE, M. E. L. Restrições na distribuição de sujeitos nulos no Português Brasileiro. *Revista Veredas*, vol. 18/1, 2014.

- KATO, M. A.; DUARTE, M. E. L. Pre-verbal position in BP: a reinterpretation of the “Avoid Pronoun Principle”. *Revista Diadorim*, Rio de Janeiro, vol. 20, 2018, p. 610-626.
- LOPES, C. R. dos S. “Vossa Mercê > você e Vuestra Merced > usted: o percurso evolutivo ibérico”. *Linguística* - publicação da ALFAL, vol. 14, 2003.
- MONTEIRO, J. L. *Pronomes pessoais: subsídios para uma gramática do português do Brasil*. Fortaleza: Edições UFC, 1994.
- OTHERO, G. A.; AYRES, M. R.; LAZZARI, M. G. A conexão discursiva e a manifestação de sujeito pronominal e nulo em português brasileiro. *Caderno de squibs: temas em estudos formais da linguagem*, v. 4, p. 28-34, 2020. Disponível em <https://periodicos.unb.br/index.php/cs/article/view/30470>. Acesso em 5 de nov. de 2020.
- OTHERO, G. A.; SPINELLI, A. C. Um tratamento unificado da omissão e da expressão de sujeitos e objetos diretos pronominais de 3ª pessoa em português brasileiro. *Caderno de Estudos Linguísticos*, vol. 61, n. 1, 2019.
- PERES, E. P. De “vossa mercê” a “cê”: os processos de uma mudança em curso. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, vol. 1 n. 1, 2007. Disponível em <https://periodicos.ufes.br/contextos-linguisticos/issue/view/368>. Acesso em 29 de set. de 2020.
- PERINI, M. A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2010.
- ROBERTS, I. *Null arguments and Arbitrary pronouns*. Conferência proferida no Workshop de Pronomes: sintaxe, semântica e programação. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 29 jan. 2016.
- SIMÕES, L. J. Aprendizagem da gramática do português escrito: algumas reflexões a partir da língua falada. *Revista Calidoscópio*, v. 4, n. 1, p. 51-59, 2006.
- ULRICH, C. W.; AYRES, M. R. Resenha de “Pronomes Pessoais” (1994), de José Lemos Monteiro. *ReVEL*, vol. 16, n. 30, 2018.
- VASCONCELLOS, J. A. de. A redução dos paradigmas flexionais dos verbos e a perda do sujeito nulo no português brasileiro. *Revista Argumento*, v. 5 n. 9, 2003.
- VERÍSSIMO, V. A evolução do conceito de parâmetro do sujeito nulo. *Revista Entrepalavras*, v. 7, n. 1 (7), 2017.
- WINK, C. O.; FINKENAUER, L.; OTHERO, G. de A. Quadro pronominal e colocação dos pronomes à luz de cinco gramáticas do português brasileiro. *Domínio de Linguagem*, vol. 6, n° 1, 2012.
- ZILLES, A. M. S. O que a fala e a escrita nos dizem sobre a avaliação social do uso de a gente? *Revista Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 27-44, 2007.

ZILLES, A. M. S; MAYA, L. Z.; SILVA, K. Q. da. A concordância verbal com a primeira pessoa do plural em Panambi e Porto Alegre. *Organon*, 14, n. 28-29, p. 195-219, 2000.

## 7. ANEXOS

### 7.1 Proposta temática da redação ENEM 2019



enem2019

#### INSTRUÇÕES PARA A REDAÇÃO

1. O rascunho da redação deve ser feito no espaço apropriado.
2. O texto definitivo deve ser escrito à tinta preta, na folha própria, em até 30 linhas.
3. A redação que apresentar cópia dos textos da Proposta de Redação ou do Caderno de Questões terá o número de linhas copiadas desconsiderado para a contagem de linhas.
4. Receberá nota zero, em qualquer das situações expressas a seguir, a redação que:
  - 4.1. tiver até 7 (sete) linhas escritas, sendo considerada "texto insuficiente".
  - 4.2. fugir ao tema ou que não atender ao tipo dissertativo-argumentativo.
  - 4.3. apresentar parte do texto deliberadamente desconectada do tema proposto.
  - 4.4. apresentar nome, assinatura, rubrica ou outras formas de identificação no espaço destinado ao texto.

#### TEXTOS MOTIVADORES

##### TEXTO I

No dia da primeira exibição pública de cinema — 28 de dezembro de 1895, em Paris —, um homem de teatro que trabalhava com mágicas, Georges Méliès, foi falar com Lumière, um dos inventores do cinema; queria adquirir um aparelho, e Lumière desencorajou-o, disse-lhe que o "Cinematógrafo" não tinha o menor futuro como espetáculo, era um instrumento científico para reproduzir o movimento e só poderia servir para pesquisas. Mesmo que o público, no início, se divertisse com ele, seria uma novidade de vida breve, logo cansaria. Lumière enganou-se. Como essa estranha máquina de austeros cientistas virou uma máquina de contar estórias para enormes plateias, de geração em geração, durante já quase um século?

BERNARDET, Jean-Claude. O que é Cinema. In BERNARDET, Jean-Claude; ROSSI, Clóvis. *O que é Jornalismo, O que é Editora, O que é Cinema*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

##### TEXTO II

Edgar Morin define o cinema como uma máquina que registra a existência e a restitui como tal, porém levando em consideração o indivíduo, ou seja, o cinema seria um meio de transpor para a tela o universo pessoal, solicitando a participação do espectador.

GUTFREIND, C. F. O filme e a representação do real. *E-Compós*, v. 6, 11, 2006 (adaptado).

##### TEXTO III



Disponível em: [www.meioemensagem.com](http://www.meioemensagem.com). Acesso em: 12 jun. 2019 (adaptado).

##### TEXTO IV

O Brasil já teve um parque exibidor vigoroso e descentralizado: quase 3 300 salas em 1975, uma para cada 30 000 habitantes, 80% em cidades do interior. Desde então, o país mudou. Quase 120 milhões de pessoas a mais passaram a viver nas cidades. A urbanização acelerada, a falta de investimentos em infraestrutura urbana, a baixa capitalização das empresas exibidoras, as mudanças tecnológicas, entre outros fatores, alteraram a geografia do cinema. Em 1997, chegamos a pouco mais de 1 000 salas. Com a expansão dos shopping centers, a atividade de exibição se reorganizou. O número de cinemas duplicou, até chegar às atuais 2 200 salas. Esse crescimento, porém, além de insuficiente (o Brasil é apenas o 60º país na relação habitantes por sala), ocorreu de forma concentrada. Foram privilegiadas as áreas de renda mais alta das grandes cidades. Populações inteiras foram excluídas do universo do cinema ou continuam mal atendidas: o Norte e o Nordeste, as periferias urbanas, as cidades pequenas e médias do interior.

Disponível em: <https://cinemapertodevoce.ancine.gov.br>. Acesso em: 13 jun. 2019 (fragmento).

#### PROPOSTA DE REDAÇÃO

A partir da leitura dos textos motivadores e com base nos conhecimentos construídos ao longo de sua formação, redija texto dissertativo-argumentativo em modalidade escrita formal da língua portuguesa sobre o tema "Democratização do acesso ao cinema no Brasil", apresentando proposta de intervenção que respeite os direitos humanos. Selecione, organize e relacione, de forma coerente e coesa, argumentos e fatos para defesa de seu ponto de vista.

## 7.2 Proposta temática da redação UFRGS 2020 (aplicada no ano de 2019)

### REDAÇÃO

Leia, abaixo, o texto escrito pelo jornalista Leonardo Lichote e publicado no Jornal "O Globo", em fevereiro de 2018.

#### **Críticas a 'Que tiro foi esse?' e outras canções levantam a questão: a música brasileira está pior?**

Há alguns dias, um texto (erradamente) atribuído a Arnaldo Jabor circulou pela internet atacando a qualidade da música que se ouve hoje no Brasil. Partindo do refrão do sucesso "Que tiro foi esse?", de Jojo Todynho, o artigo trazia frases como "Que tiro foi esse? Que acertou os tímpanos do nosso povo, fazendo-os ouvir lixo achando que é música".

O cantor e compositor Jorge Vercillo foi um dos que compartilharam a história em seu perfil no Facebook. Em dezembro, Lulu Santos, observador atento há décadas da música das periferias, que costuma trazer pra perto de sua própria produção, já havia soltado um comentário do mesmo teor no Twitter: "Caramba! É tanta bunda, polpa, bumbum granada e tabaca que a impressão que dá é que a MPB regrediu pra fase anal. Eu, hein?".

Os hits são novos, mas a polêmica é antiga. Veja a pancada a seguir: "é a mais baixa, a mais chula, a mais grosseira de todas as danças selvagens". Acha que é sobre lambada? Dança da garrafa? Funk? Longe disso – e por muitas décadas. Foi assim que o "Diário do Congresso Nacional" de 8 de novembro de 1914 reagiu a uma música de Chiquinha Gonzaga, "Gaúcho", famosa como "Corta-jaca". Esse é um de muitos exemplos de artistas que já foram atacados e (em algum nível) acabaram legitimados e aceitos pela nobreza da MPB ou pela academia. Os exemplos passam por Pixinguinha, Luiz Gonzaga, É o Tchan. E nem a bossa nova escapou. Foi chamada de mera cópia da música americana por Tinhorão.

— Por trás dessas reações está sempre o mesmo princípio: o preconceito. Mas não tem como. Tudo isso representa a música brasileira – diz Ney Matogrosso. — O funk, sim, é calcado na estética americana, e essa talvez seja minha única crítica. Mas o ritmo, eu adoro. Quanto ao aspecto sexual, não vejo problema. A umbigada vem lá dos escravos, né? É o tal negócio: se não gosta, come menos; se não se interessa, não ouve.

Fred Coelho, professor de Literatura da PUC-Rio, vai ainda mais fundo ao investigar o traço (racial, moral, social) que atravessa essas críticas há mais de um século. Ele explica que a leitura que se fazia dos artistas era determinada pelas origens deles: "músicos de favelas", "de classe média", "nordestinos", "urbanos", "caipiras".

— Nas últimas décadas, tais marcações foram deslocadas para temas mais políticos. As favelas tornam-se periferias tecnológicas globalizadas, caipiras dominam as paradas com as variações do sertanejo e músicos regionais produzem do tecnobrega e da guitarrada paraense ao som primoroso de Siba ou da rabeca da Thomas Rohrer.

Só a música de classe média – a canção popular radiofônica dos anos 1980 e 90 – permanece no mesmo lugar, segundo Coelho. E esse talvez seja um dos motivos das críticas, do estranhamento entre quem está estabelecido e quem chega como novidade. Uma dinâmica que pode até vir a ter efeitos positivos:

— A saída, talvez, seja entender que essa dinâmica faz com que parte do público ouça, sem distinção, Mr. Catra, Luan Santana, Pablo Vittar, Zeca Pagodinho e, certamente, Lulu Santos. Pode ser um aprendizado ver como um músico que é pura história da canção sofisticada brasileira, como Chico Buarque, comentou esse quadro em "Caravanas".

O compositor João Cavalcanti concorda que há uma lógica de disputa, pontuada pelo moralismo. E compara:

— Se o ataque fosse à simplicidade das canções, atacariam Caymmi por dizer “se fizer bom tempo amanhã eu vou/ mas se por exemplo chover não vou”. É um ciclo tão previsível que o próprio criticado de ontem vira o crítico da vez – diz ele, lembrando que tanto Lulu quanto Vercillo já apanharam por fazerem sucesso.

Não que seja o caso de aderir de forma irrestrita a tudo o que vira viral, pondera Cavalcanti:

— Também me incomodo com determinadas repetições, fórmulas. E tenho certo bode do discurso que diz que algo é maravilhoso só porque é popular. Mas não posso usar meu gosto para dizer o que serve ou não ao povo.

No centro de tudo, ele aposta, está a dificuldade de compreensão do outro:

— Tem menos a ver com a qualidade em si do que com uma dificuldade de entendimento dos mundos diferentes que convivem num mesmo país.

(Os artistas populares) não precisam do aval de ninguém, a não ser desse público. Quanto tempo vão durar? Vai saber...’

A radialista Patricia Palumbo, do “Vozes do Brasil”, se afina na mesma percepção:

— Se é cultura de massa que o artista almeja, ele tem que ir atrás das massas, traduzir o que pensa e como vive esse público que não lê os clássicos, não vai a concertos, não foi ao cinema e muitas vezes nem à escola. É um desafio.

A Tropicália, que deu régua e compasso para que muito da música de origem popular fosse legitimada, era uma tentativa de diálogo com essa produção – fosse o pop internacional, fosse a música radiofônica ou das ruas do Brasil profundo. E sentiu os efeitos disso, recorda Tom Zé:

— Minha tia dizia que a gente não fazia música, fazia ritmo. Fico imaginando o que ela diria de MC Loma (do hit “Envolvimento”), que ouvi outro dia e achei muito simpática – ri o tropicalista.

Os donos dos hits seguem alheios ao debate, nota Zélia Duncan:

— Os sertanejos vivem num universo que nem alcançamos. Possuem aviões e platelas que enchem estádios, vários dias por semana. Não precisam do aval de ninguém, a não ser desse público. Quanto tempo vão durar? Vai saber...

Adriana Calcanhotto, que apanhou ao gravar Claudinho & Buchecha, não arrisca previsão, mas amarra a discussão citando um samba, com ar clássico, de outro tropicalista:

— Parece que “desde que o samba é samba é assim”.

Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/musica/criticas-que-tiro-foi-esse-outras-cancoes-levantam-questao-musica-brasileira-esta-pior-22406901>. Acesso em: 20 out. 2019.

O texto acima discute uma das principais formas de expressão da cultura brasileira: a música. Já no título, é apresentada a grande pergunta que conduz a elaboração de sua linha argumentativa: “a música brasileira está pior?”.

Para responder a tal indagação, Leonardo Lichote vale-se da história da recepção da música pela crítica especializada, de testemunhos de artistas e da indicação de vários exemplos. A partir disso, ele faz o leitor compreender os motivos que o levam a expor um ponto de vista acerca da questão.

Sem dúvida, o assunto é controverso e o texto não ignora isso!

---

Evidentemente, é fácil encontrar quem concorde com a perspectiva assumida pelo jornalista e também quem dela discorde. E isso não deve causar nenhum espanto, pois, quando se aborda um tema que está presente no cotidiano de todos – como é obviamente o caso da música brasileira –, é comum encontrar múltiplas opiniões e quem as defenda com afinco.

Com certeza, você, após a leitura do texto, também formulou uma opinião acerca das ideias nele contidas.

Assim, considere que você decidiu apresentar ao jornalista a sua visão a respeito do que leu. Para tanto, você deverá escrever um texto a ser enviado ao jornal, que poderá publicá-lo na sessão "Opinião do Leitor".

Observe que é muito importante que, em seu texto, as ideias estejam expressas com clareza, para que os demais leitores do jornal possam compreendê-las e, com elas, concordar ou não. Aliás, é fundamental que você também lembre que o jornalista certamente vai ler o seu texto.

Em resumo, você deverá escrever um **texto dissertativo** que

**apresente o seu ponto de vista acerca das ideias, veiculadas pelo texto do jornalista,  
a respeito da música brasileira.**

Para tanto, você deve:

- a) escolher uma ou mais ideias do texto, defendê-la(s) e/ou contestá-la(s);
- b) apresentar argumentos que justifiquem a sua opinião a respeito dessas ideias, utilizando, se for o caso, os próprios exemplos dados pelo jornalista.

O importante é que você explicitie claramente o que pensa sobre as ideias presentes no texto de Leonardo Lichote.

Bom trabalho!

### **Instruções:**

A versão final do seu texto deve:

- 1 - conter um título na linha destinada a esse fim;
- 2 - ter a extensão mínima de 30 linhas, excluído o título – quem disso, seu texto não será avallado –, e máxima de 50 linhas. Segmentos emendados, ou rasurados, ou repetidos, ou linhas em branco terão esses espaços descontados do cômputo total de linhas;
- 3 - ser escrita, na folha definitiva, com caneta e em letra legível, de tamanho regular.

### 7.3 Propostas temáticas avaliativas semanais – Modelo ENEM

#### REDAÇÃO

Texto 1:

##### Para entender o fenômeno

Menor sociabilidade, baixa na produtividade e às vezes, aquele sentimento de que as pessoas têm uma vida melhor que a sua são alguns dos efeitos da nossa longa exposição à tecnologia ao longo do dia.

Quando agravados, estes aspectos podem prejudicar a sua vida real, bem como a empresa a qual você dedica seu tempo. Vício em emails, submissão a métricas ou ferramentas também são comuns.

##### Definição de dependência tecnológica

Dependência tecnológica (ou *nomofobia*) é um quadro clínico caracterizado pela **falta de controle** de um indivíduo sobre seu uso de internet, jogos e smartphone. Este diagnóstico tem sido estudado há cerca de 05 anos por especialistas.

Estima-se que 10% da população sofra deste mal, que vem crescendo exponencialmente.

Fonte: <https://contratedesenvolvedor.com.br/dependencia-tecnologica/>

Texto 2:

Os estímulos oferecidos pela indústria do entretenimento têm o objetivo de nos manter conectados a ela o tempo todo. O desejo de todo canal de TV, por exemplo, é o de que permaneçamos ligados à programação enquanto estivermos acordados — e, se pudermos deixar a televisão sintonizada enquanto dormimos, ótimo. As inúmeras empresas com atuação na internet são pautadas pela mesma estratégia. O Facebook, por exemplo, pretende se confundir com a própria rede de informações. Seu fundador, Mark Zuckerberg, disse há alguns anos que buscava manter os usuários conectados à plataforma por todo o período em que estivessem plugados à internet — idealmente, o dia inteiro.

Fonte: <https://www.revistaeducacao.com.br/dependencia-tecnologica-um-problema-de-saude-publica/>

Texto 3:



Fonte: <http://redeglobo.globo.com/globociencia/noticia/2013/08/dependencia-tecnologica-e-tratada-com-terapia-cognitiva-e-medicacao.html>

Com base nos textos acima, escreva um texto no modelo Dissertativo-argumentativo, com no máximo 30 linhas, sobre o tema: **A dependência tecnológica é um problema real?**

## REDAÇÃO

Texto 1:

Estudos indicam que, apesar dos esforços de conscientização, atitudes preconceituosas explícitas contra gordos aumentaram consideravelmente entre 2001 e 2010. Ainda é mais comum, no entanto, que o preconceito apareça travestido de elogio ou preocupação. Frases como “ **você tem o rosto tão bonito, por que não emagrece?**”, “nossa, eu que sou mais magra que você não tenho coragem de usar biquíni” ou “seu marido é tão magro e você é tão gorda, dá certo?” são ouvidas por mulheres como Evelyn dia sim, outro também. Elas são reflexo da chamada  **gordofobia**, o preconceito ou intolerância contra pessoas gordas.

Fonte: <https://revistagalileu.globo.com/Revista/noticia/2017/05/gordofobia-por-que-esse-preconceito-e-mais-grave-do-que-voce-pensa.html>

Texto 2:

Dados dessa revisão indicam que essa é uma prática constante no mundo. Entre adultos obesos, de 19 a 42% sofrem com a discriminação. As taxas são ainda mais altas entre as mulheres e aqueles com maior índice de massa corporal (IMC).

Isso se reflete principalmente no bem-estar mental. A gordofobia – saiba mais sobre o problema no nosso podcast — está associada a sintomas depressivos, altos índices de ansiedade, baixa autoestima, isolamento social, estresse, uso de drogas e compulsão alimentar.

Nas crianças, o efeito é potencialmente pior devido ao bullying. Comparado a adolescentes magros, os que têm excesso de peso são significativamente mais propensos a passar por isolamento social e a desenvolver transtornos mentais, principalmente ansiedade e depressão.

Fonte: <https://saude.abril.com.br/bem-estar/gordofobia-causa-na-saude/>

Texto 3:



Fonte: <https://www.hospitaloswaldocruz.org.br/imprensa/noticias/precisamos-falar-de-gordofobia>

Com base nos textos acima, escreva um texto no modelo Dissertativo-argumentativo, com no máximo 30 linhas, sobre o tema:  **Caminhos para combater a Gordofobia**.

## 7.4 Proposta temática avaliativa semanal – Modelo UFRGS

### REDAÇÃO

Considere o texto (adaptado) abaixo, de Antonio Carlos Vendrame, publicado em um site.

---

O Brasil foi o último país a abolir a escravatura. Admitir que no Brasil ainda existe o trabalho escravo no Brasil em pleno século XXI é uma verdade vexatória. No entanto, o mote do trabalho escravo tem sido utilizado por vários atores sociais de forma maniqueísta e, com o único fito de invocar para si a atenção da imprensa, da população, dos formadores de opinião e dos órgãos de classe.

Recentemente, o Ministério do Trabalho publicou a [portaria 1.129](#), de 13 de outubro de 2017, que modificou a forma de caracterização do trabalho escravo. Como já se previa, os mesmos que se insurgiram contra a reforma trabalhista, também se posicionaram contrariamente a tal portaria.

Não se pode simplesmente taxar de trabalho escravo aquele sem registro em carteira, ou que seja realizado em alojamentos sem banheiros suficientes, ou sem condições sanitárias adequadas, ou sem banheiro químico, ou sem água potável etc. É claro que tais situações podem e devem ser alvo de punição com multas trabalhistas às empresas infratoras. Ademais, tais situações também têm sido apenas na Justiça do Trabalho com indenização por dano moral.

No entanto, excessos são cometidos por analogias feitas de forma arbitrária. Muitas empresas foram acusadas de serem escravagistas simplesmente por não promover registro em carteira de seus trabalhadores. A portaria recém-publicada tem o mérito de disciplinar a questão, estabelecendo critérios para que determinado trabalho seja considerado escravo, quais sejam: (i) submissão sob ameaça de punição, (ii) restrição de transporte para reter trabalhador no local de trabalho, (iii) uso de segurança armada para reter trabalhador e (iv) retenção da documentação pessoal.

Várias circunstâncias que absolutamente não caracterizam escravidão foram mal utilizadas contra as empresas. Um bom exemplo é taxar como trabalho análogo ao escravo, em razão do fato do trabalhador dormir em rede. Nosso país possui uma diversidade continental de hábitos e costumes. Dormir em rede é um fenômeno cultural, especialmente nas regiões nordeste e norte do país. Assim, a substituição da cama por rede não pode, de maneira alguma, ser tratada como situação idêntica ao trabalho escravo, especialmente nas situações em que mesmo havendo a preferência do trabalhador pela rede, a empresa ainda mantém e disponibiliza cama no alojamento ao obreiro.

Outra questão bastante comum é a não utilização pelos empregados das instalações do refeitório da empresa. Mesmo havendo refeitório, determinados trabalhadores se servem da alimentação e, vão consumi-la fora do refeitório, às vezes em posição de cócoras, com o prato na mão, o que evidencia a questão cultural. E, novamente, as empresas são penalizadas em eventual fiscalização onde são flagrados trabalhadores tomando suas refeições fora do refeitório.

As questões culturais de cada região ditam inclusive o tipo de alimentação preferida pelo trabalhador. Já presenciamos movimentos grevistas devido ao fato da alimentação disponibilizada pela empresa não agradar aos obreiros. Também já testemunhamos situação em que a empresa foi adjetivada de escravagista porque oferecia mandioca, inhame ou cará cozidos em substituição ao pão no café da manhã...

Desta forma, é arriscado classificar uma empresa como escravagista sem conhecer a cultura de seus empregados, seus hábitos, seus gostos e suas preferências. Se dormir em rede, comer com o prato na mão e se alimentar com tubérculos cozidos no café da manhã é ser escravo, então nossa sociedade terá de acabar com a feijoada, o vatapá, a pamonha, a canjica, o azeite-de-dendê, o sincretismo religioso, a capoeira e, o berimbau, com finalidade de extirpar de vez qualquer lembrança à escravatura.

Disponível e adaptado em: <https://migalhas.uol.com.br/depeso/268088/a-dicotomia-do-trabalho-escravo-uma-opinioao>

---

Após a leitura, você, certamente, construiu uma opinião sobre o que diz o autor.

Você pode ter concordado integralmente com o texto ou apenas parcialmente; pode ter discordado integralmente ou apenas parcialmente.

É assim mesmo!

Muitas vezes, lemos um texto e concordamos integralmente com ele, pois suas ideias coincidem com o que pensamos a respeito daquele assunto; outras vezes, concordamos apenas parcialmente com os argumentos apresentados, porque há pontos dos quais discordamos.

O contrário também é possível. Podemos discordar integralmente das ideias expressas em um texto, porque temos um entendimento completamente diferente a respeito daquele assunto; por vezes, enfim, podemos discordar apenas parcialmente, pois há pontos com os quais concordamos.

Os leitores sabem que é sempre assim, e os autores também sabem. O mais importante, porém, é reconhecer que o debate deve ser feito com tolerância e ética.

Assim, a partir da leitura do texto e das observações feitas acima, elabore um texto dissertativo que apresente o seu ponto de vista acerca das ideias do autor sobre escravidão nos dias atuais.

Considere que o seu texto pode ser lido pelo autor, logo ele terá de conter a sua opinião, de maneira bem fundamentada, com argumentos que sustentem o seu ponto de vista, para que o autor entenda claramente o posicionamento adotado.

Em resumo, em seu texto,

**você deve se posicionar a respeito das ideias do autor: contestá-las parcial ou integralmente; aprová-las parcial ou integralmente.**

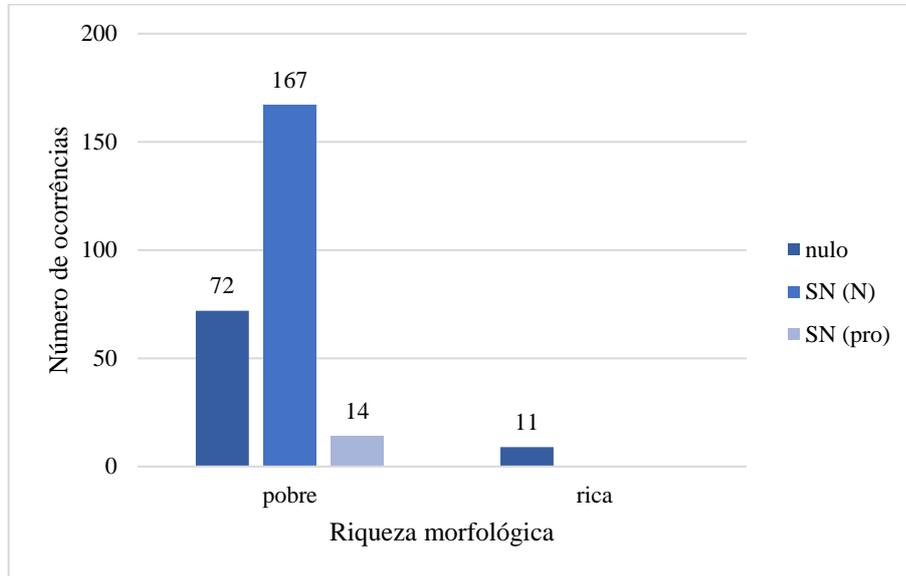
### **Instruções**

A versão final do texto deve respeitar as observações abaixo.

- 1 - Conter um título na linha destinada a esse fim.
- 2 - Ter a extensão mínima de 30 linhas, excluído o título – quem disso, seu texto não será avaliado – , e máxima de 50 linhas. Segmentos emendados, ou rasurados, ou repetidos, ou linhas em branco terão esses espaços descontados do cômputo total de linhas.
- 3 - Ser escrita, na folha definitiva, com caneta e em letra legível, de tamanho regular.

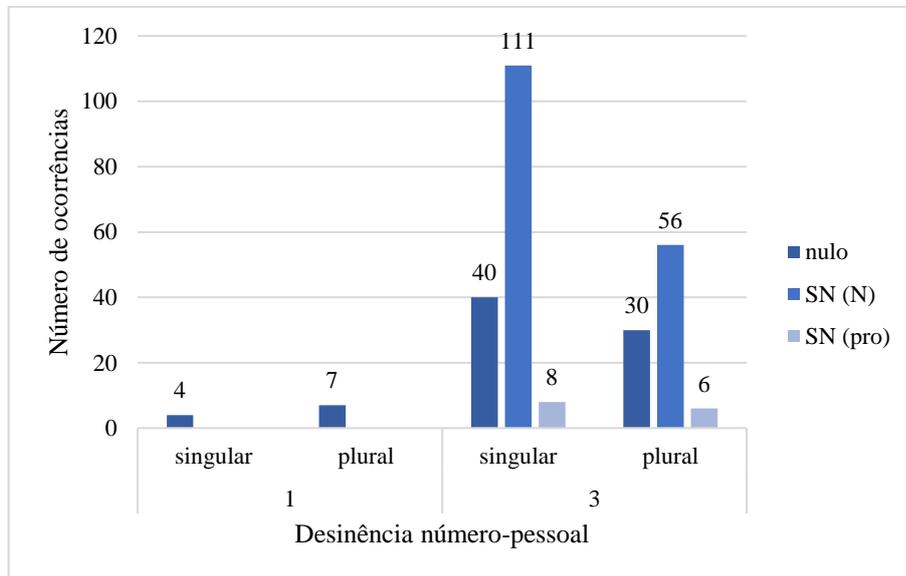
7.5 Gráficos ENEM e UFRGS em números brutos

Gráfico 17 – Tipo de sujeito por riqueza morfológica (ENEM)



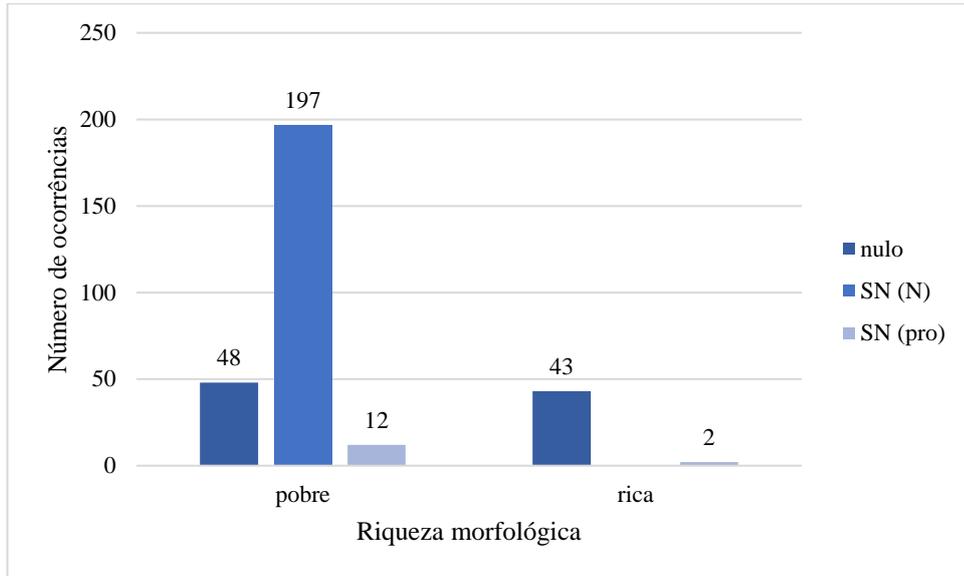
Fonte: autor (2020)

Gráfico 18 – Tipo de sujeito por desinência número-pessoal (ENEM)



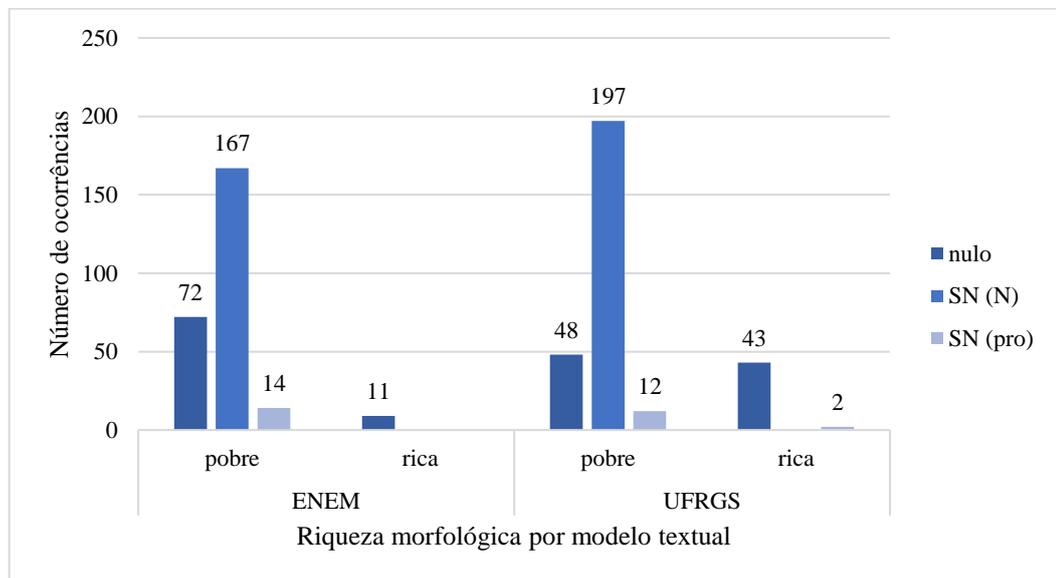
Fonte: autor (2020)

Gráfico 19 – Tipo de sujeito por riqueza morfológica (UFRGS)



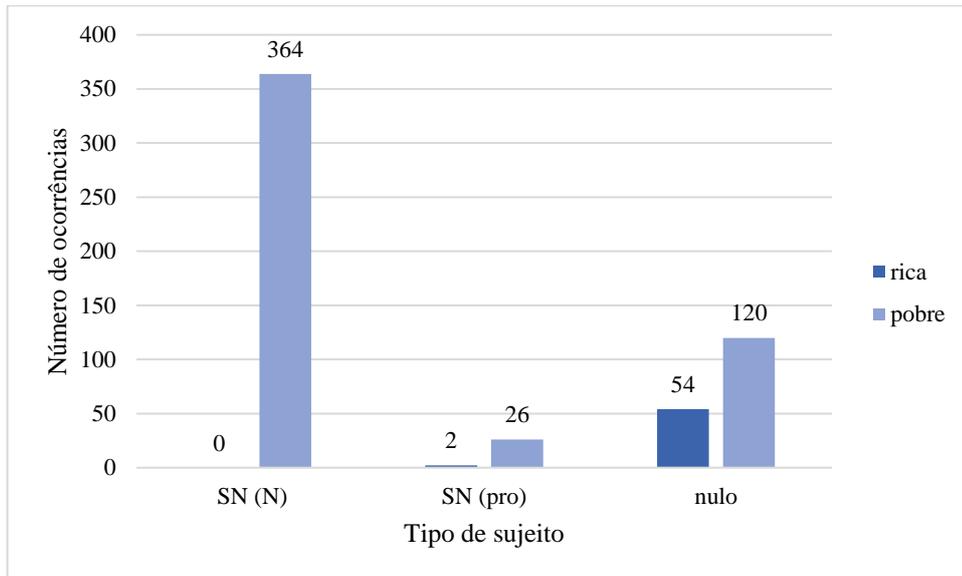
Fonte: autor (2020)

Gráfico 20 – Tipo de sujeito por riqueza morfológica e modelo textual



Fonte: autor (2020)

Gráfico 21 – Distribuição geral por riqueza morfológica



Fonte: autor (2020)